

1227

190

José de Sousa Guimarães

N.º 5

Orientação dos nossos Congressos anti-tuberculosos e sua inefficacia

(ESBOÇO D'UM ESTUDO)

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA À

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

PORTO

TYP. A VAPOR DA EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA

178 — Rua de D. Pedro — 184

1905

12515 ENC

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

Antonio Joaquim de Moraes Caldas

SECRETARIO INTERINO

José Alfredo Mendes de Magalhães

*
CORPO DOCENTE

Lentes Cathedraicos

1. ^a CADEIRA—Anatomia descriptiva geral	Luiz de Freitas Viegas.
2. ^a CADEIRA—Physiologia	Antonio Placido da Costa.
3. ^a CADEIRA—Historia natural dos medicamentos e materia medica	Ilydio Ayres Pereira do Valle.
4. ^a CADEIRA—Pathologia externa e therapeutica externa	Antonio Joaquim de Moraes Caldas Clemente Joaquim dos Santos Pinto.
5. ^a CADEIRA—Medicina operatoria	
6. ^a CADEIRA—Partos, doencas das mulheres de parto e dos recém-nascidos	Candido Augusto Corrêa de Pinho.
7. ^a CADEIRA—Pathologia interna e therapeutica interna	José Dias d'Almeida Junior.
8. ^a CADEIRA—Clinica medica	Antonio d'Azevedo Maia.
9. ^a CADEIRA—Clinica cirurgica	Roberto B. do Rosario Frias.
10. ^a CADEIRA—Anatomia pathologica.	Augusto H. d'Almeida Brandão.
11. ^a CADEIRA—Medicina legal	Maximiano A. d'Oliveira Lemos.
12. ^a CADEIRA—Pathologia geral, semiologia e historia medica	Alberto Pereira Pinto d'Aguiar.
13. ^a CADEIRA—Hygiene	João Lopes da S. Martins Junior.
14. ^a CADEIRA—Histologia normal	José Alfredo Mendes de Magalhães
15. ^a CADEIRA—Anatomia topographica	Carlos Alberto de Lima.

Lentes jubilados

Secção medica.	José d'Andrade Gramaxo.
Secção cirurgica	Pedro Augusto Dias. Dr. Agostinho Antonio do Souto

Lentes substitutos

Secção medica.	Vaga.
	Vaga.
Secção cirurgica	Vaga.
	Antonio Joaquim de Souza Junior.

Lente demonstrador

Secção cirurgica	Vaga.
----------------------------	-------

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na
dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola, de 23 d'abril de 1840, artigo 155.º)

A meus Paes

*© medico é o verdadeiro sacer-
dote social... e venha de lá um
abraço.*

A MEU IRMÃO

N.º Manoel Guimarães

Um abraço muito amigo.

AOS EX.^{mos} SENHORES

Francisco d'Albuquerque

D. Maria José Guedes Wanzeller d'Albuquerque

Beijo-lhes as mãos, reconhecidamente, pela protecção penhorantíssima que sempre me dispensaram e á qual eu tudo devo.

AS EX.^{mas} SENHORAS

D. Maria Angelica Toscano

D. Maria Carolina Toscano Fereira de Rezende

D. Margarida de Fouza Saldaes

D. Maria Amelia Coelho.

Tenho-as no coração. Estrada
fóra, por entre os espinhos da
Vida, jámais as esquecerei.

(Allegoria da minha pasta).

Á imperecível e santa memoria do meu bom amigo

X.

Se tu fosses vivo!...

AO EX.^{mo} SENHOR

Dr. José Julio Gonçalves Coelho

e sua Ex.^{ma} Esposa

*A minha consciencia diz-me que
serão sempre meus crédores.*

Se eu não pôsso mais !

AO MEU EX.^{mo} PRIMO

Dr. João Ferreira da Silva Guimarães

Meritissimo Juiz de Direito

e a suas *Ex.^{mas}* Irmãs

*O modesto testemunho do meu
reconhecimento.*

A Ex.^{ma} familia Silva

(Rio de Janeiro)

*Em retribuição affectuosa das
innumeraveis provas de amizade
que eu e os meus d'ella temos re-
cebido.*

AO EX.^{mo} SENHOR

Dr. António J. de Souza Junior

*Nunca esquecerei a hospitalidade da
antiga «republica» das Virtudes.*

AO EX.^{mo} SENHOR

Dr. Alfredo de Magalhães

Homenagem da minha mais respeitosa gratidão.

Ao meu talentoso condiscipulo e amigo devotadissimo

Dr. Antonio Pereira Pinto Prêda

*Nunca esquecerei o que por
mim fizeste.*

Hos queridos condiscipulos e aos meus bons amigos

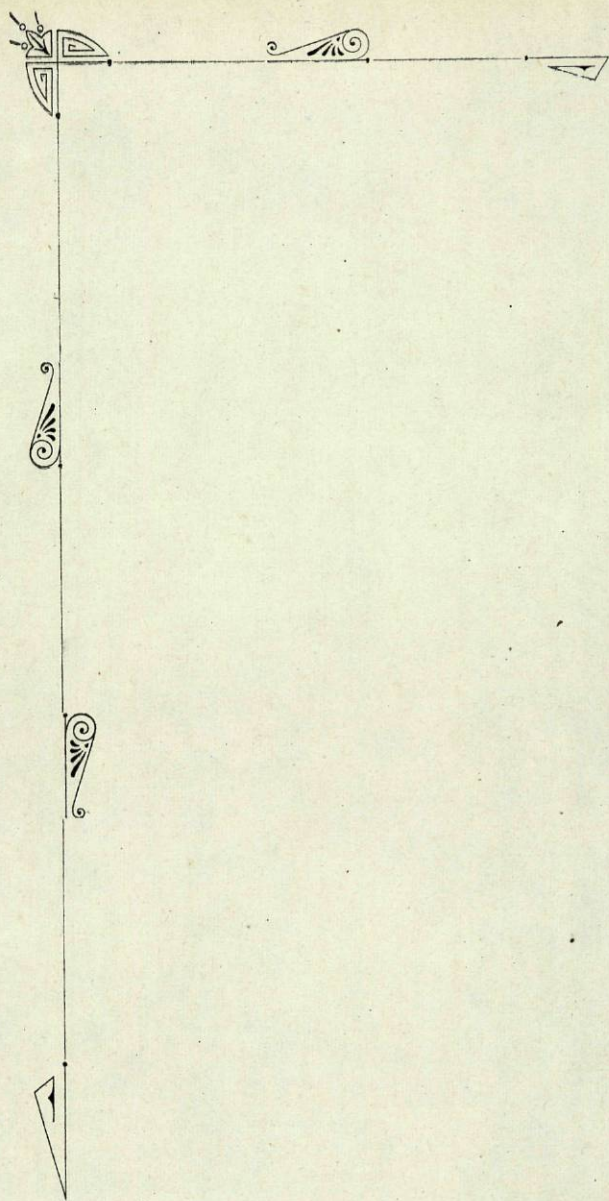
Dr. Antonio Trinta
Dr. Antonio Barboza
Dr. José Pompeu
Manuel Matta Junior
José Dias Favares
Alfredo Peixoto
João Mendonça
Joaquim Gomes (addido)
Alberto de Vasconcellos Magalhães
Alfredo Machado de Moraes e Souza
Antonio Alves Carneiro
Antonio d' Azevedo
D.^e Antonio Gomes
Antonio L. Machado Grandão
Antonio Teixeira Fanzeres
Dr. Francisco Duarte
Dr. Francisco Fonseca e Castro
Francisco Teixeira da Silva
Gabriel Cardoso Fanzeres
Guilherme Mendes Norton
João de Naiva Faria Leite Grandão
Dr. Joaquim de Magalhães F. e Souza
Dr. Joaquim Nires de Lima
Dr. Raul Giraldes dos Santos

*A todos vós,
um leal e sincero aperto de mão.*

Ao meu Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Presidente de these

Prof. Carlos de Lima

Se admiro e respeito o seu saber,
mais me commove a sua muita bondade.



Aos dous problematicos leitores da minha these

Quem, como eu, se vê obrigado a sacrificar, no altar d'uma lei dura e inexoravel, umas dezenas de mil reis que eu tenho de roubar — é o têrmo — ao meu cachetico *pé de meia* é umas dezenas d'horas furtadas — tambem é o têrmo — ao já de si escasso tempo empregado em colher nas mingoadas messes da Vida o meu negro *pão nosso de cada dia* e o dos meus, deve, necessariamente, ser victima d'um estado subjéctivo, d'um psychismo pessimista muito pouco d'harmonia com a confecção, as exigencias e as responsabilidades d'uma these medica. Ha por esse mundo fóra muito economista, céguinho d'alma e de côrpo, que desconhece o desequilibrio financeiro que pode resultar d'um *déficit* de cinco reis no magro orçamento domestico d'um trabalhador.

Todavia, como para obter o meu diploma de modesto João Semana rural não podia libertar-me

d'esta inutil despêza que, sobre sêr inutil, ainda nos sujeita ás desagradaveis contingencias d'um *xequê* diante dos Mestres, bebi uma amargá tizana d'aquelle stoicismo que a Philosophia antiga nos legou, e puz mãos á obra. E que desastrada que ella me sahiu! De fórma acanhada e tôsca, sem columnatas graciosas e elegantes nem capitais rendilhados que, ao menos, lhe encubram a pobreza de linhas, a mesquinhez de concepção, tem a salva-la, sómente, creio eu, a despreocupação e, sobretudo, a sinceridade e independencia com que a trabalhei.

Nem tudo quanto se pensa e sente se deve dizer — é a formula d'um certo utilitarismo convencional e hypocrita contra a qual me revolto por vêr nella uma synthese corrupta, mas completa, da bastardia do sentimento, da dignidade e do character.

O velhaco, o hypocrita, contunde-me os nervos, quer o baptisem com o nome de Tartufo ou Yago, quer com o de Engstrand ou Pantoja.

Nunca moldarei o meu cerebro na fôrma onde se modelam os preconceitos d'aquelles que regulam o seu modo de pensar pelo infiel barometro do sentimentalismo social.

Quem tôrto nasce, tarde ou nunca se indireita, lá diz a sabedoria das nações e diz muito bem; pois eu que, no sentido a que me refiro, nasci tôrto... como um arco de circulo, já agora morrerei assim, por mal ou por bem dos meus peccados.

Aprendi na escola do infortunio — a melhor

das escolas — a conhecer os homens, e, d'esse perfeito conhecimento, nasceu a nenhuma consideração em que tenho os seus applausos ou as suas invectivas e censuras. Os que me conhecem far-me-ão justiça; a opinião dos que me desconhecem, essa, representa um zéro perante a minha consciencia.

Em que consiste o meu mais que modesto trabalho?

Em tentar provar, na medida das minhas fôrças, que *a orientação dos nossos Congressos anti-tuberculosos é má e de resultados improftquos, quasi nullos*. Não me compete a mim dizer se consegui o meu intento, mas, sim, ao illustrado Jury que me ha de julgar.

A parte do meu trabalho subordinada á epigraphé — Tuberculose — no que diz respeito á etiologia do contagio na mortalidade por esta doença, foi-me suggerida pela leitura dos brilhantissimos artigos que o Prof. Alfrêdo de Magalhães publicou no «Porto Medico» que vae citado em nota.

Será necessario provar que o estudo do *meio* em que se trava a lucta anti-bacillar e que precede o assumpto propriamente dito da minha these é de conhecimento indispensavel? Creio que não.

Escrevendo uma synopse singela do reinado de D. João v, de preferencia a qualquer outro reinado, tive em mira, não só amenisar (?) aos taes meus dous problematicos leitores a monotona leitura das banalidades que escrevi, mas de-

monstrar, pelo rapido parallelo que estabeleço entre a primeira metade do XVIII seculo — a mais desastrada da nossa historia — e a epocha em que, por mercê de Deus e dos legatarios do seu poder, vivemos, que o cancro que corroe as entranchas d'esta nação rocambolesca tem a mesma natureza parasitaria d'aquelle que dessorou a vitalidade nacional no tempo do magnifico primogenito do rei incestuoso. E basta.

Resta-me pedir aos meus venerandos Juizes uma indulgencia plenaria *in articulo thesis*. Péço-lh'a e espero-a, cheio de confiança.

UM TRECHO D'HISTORIA

Entre os muitos degenerados que constituem a vasta galeria da Casa de Bragança salienta-se, entre os primeiros, o senhor rei D. João v de pitoresca memoria, ignorante e devasso, fanatico e manhoso — o homem mais funesto que se sentou no throno portuguez, na opinião insuspeita d'um historiador contemporaneo. ¹

Filho primogenito do monarcha a quem a Historia, num momento de ironia caprichosa, apodou de — *pacifico* — talvez por ter usurpado o throno e a mulher ao irmão crapuloso e louco, herdou do pae todos os vicios sem lhe herdar nenhuma virtude, pelo ponderoso motivo de não haver joias d'este quilate nos escuros thesouros ancestraes.

Effectivamente, á incapacidade mental e ao

¹ P. Chagas, *Hist. de Port.*, vol. 6.º, pag. 339.

mysticismo do avô acresce, no micro-rei-sol portuguez, a sensualidade tôrpe e o egoismo do progenitor.

Fitemos, por um momento, a miragem longinqua d'essa pagina-farrapo da nossa vida nacional e, collocando-a face a face do gemer monotono dos alcatruzes do rotativismo contemporaneo, vejamos, á luz serena da mais correcta imparcialidade, quantos degraus temos escalado no ingreme caminho da civilisação e do progresso.

Não desconheço que o reinado do rei magnanimo não foi mais que uma consequencia vigorosa dos dous que o precederam, caracterizados pelo egoismo typico dos Braganças que, á propria conservação, sempre sacrificaram os interesses mais vitaes do reino.

Se inició o meu trabalho pelo reinado de D. João v, é porque considero este monarcha como uma figura-typo, um symbolo da vida nacional durante os xvii, xviii e xix seculos.

Conhecê-lo, é conhecer os nossos costumes, as nossas virtudes e as nossas fraquezas, a nossa vida de sybaritas ociosos, pobres e miseraveis, enervados pelo aroma capitoso de glorias passadas, de loiros já mortos, dormindo, como um velho leão cançado por cinco seculos de pugnas homericas, um somno despreoccupado e tranquillo, emballado pelos rugidos indomaveis d'este mar — phantastico theatro das nossas façanhas... e das nossas vergonhas.

Este o motivo da minha preferencia, da minha escolha. Agora esboçemos:

Ao tempo em que D. João v subiu ao throno, Portugal estava inculto, despovoado e pobre.

«Nós não temos vintem. Tudo está exaustito.» escrevia Simão de Vasconcellos e Souza a seu irmão o Conde de Castello Melhor, no tempo da regencia.¹ E o illustre diplomata D. Luiz da Cunha, alguns annos mais tarde e já em plena opera ao divino, confessava :

«Achará muitas terras usurpadas ao commum pelos cabidos das dioceses, pelas collegiadas, pelos priorados, pelas abbadias, pelas capellas, pelos conventos de frades e freiras; outras incultas, os caminhos intransitaveis; a terça parte de Portugal é propriedade da Egreja, que não contribue para a segurança do Estado. Achará que o reino não é povoado.»²

O amigo intimo de Alexandre de Gusmão melhor diria se affirmasse que o reino era povoado, sim, mas por frades e freiras de todos os matizes, de todas as ordens, conegos, donatos, monges, Terceiros de S. Francisco e de S. Domingos, Capuchos, Trinos, Bentos, Bernardos, Carmelitas, Barbadinhos ou Brunos, Agostinhos descalços e calçados, Servitas, Padres das Escolas Pias, Minimios de S. Francisco de Paula, familiares do S.^{to} Officio, Agonisantes, Jesuitas, etc., etc.!

Seria fastidioso enumerar a enorme quan-

¹ F. Palha, *O Conde de Castello Melh. no exilio*, pag. 142.

² Oliv. Mart. *Hist. de Port.*, vol. II, pag. 174, 2.^a edic. P. Chag., obr. cit., vol. VI, pag. 379.

tidade de conventos que davam abrigo ás castas filhas do Senhor. ¹

Não, Portugal não estava despovoado, estava no claustro, o que faz sua differença. É certo que uma forte corrente de emigração para o Brazil se estabeleceu no reinado do *rei pacífico* e se accentuou mais tarde quando o oiro e os diamantes brasileiros principiaram a ser comboiados para o reino e, d'este, para a nossa hyper-fiel alliada — a Inglaterra. A este factor capital do abandono e da incultura dos nossos campos, acresceu, annos depois, um outro não menos importante: as dezenas de milhares de trabalhadores recrutados em todo o reino e que, como escravos e de fôrça ao lado para vencer a reluctancia dos rebeldes, trabalharam durante 19 annos na construcção da basilica de Mafra — «essa estupenda brutalidade de pedra» com que o faustoso monarcha quiz parodiar a orgulhosa Versailles de Luiz xiv. ²

Portugal, vastissima colmeia de frades, só por elles e para elles vivia; e, se o frade é um elemento, um factor de progresso e civilisação como ainda hoje e a cada passo o oiço dizer, a primeira metade do xviii seculo deveria ter sido uma epocha brilhantissima da nossa litteratura, das nossas artes, sciencias, industria, etc. E foi assim? Vejamos. Sabe-se que o xvii seculo, em que predominou a Escola seiscentista ou gongo-

¹ B. Branco — *Portugal no tempo de D. João V.* pag. 125 e seg.

² P. Chag. obr. cit. vol. vi, pag. 369 e seg.; Oliv. Mart. obr. cit. vol. ii, pag. 126.

rica, foi uma epocha de profunda decadencia litteraria em virtude da admissão dos jesuitas e da Inquisição em Portugal, causas que lhe envenenaram as fontes da sua fecunda originalidade. ¹

Pois todos os vicios litterarios d'este seculo passaram, no dizer d'um escriptor, para o XVIII seculo; os mesmos arrebiques de rhetorica, o mesmo culto esteril das academias, o mesmo falso engenho, como escreve o critico Verney, revelado nas banalidades estrophicas dos anagrammas, dos echos, dos equivocós, dos labyrinthos, dos acrosticos, dos versos pyramidaes e de outros artificios, finalmente, a mesma admiração pela immobilisada escolastica aristotelica e por tudo quanto era convencional na arte de falar, de escrever e de pensar. Com a Escola franceza ou arcadica a affectação e o mau gosto agravaram-se. Muitos escriptores, diz Rebello da Silva, usavam aquellas excrescencias de estylo, como os signaes, os donaires e os riçados altos se trajavam nos atavios cortezãos, desfigurando a fisionomia e as mais bellas proporções.

O que não tinha resaibos d'artificio, uma tinta violenta e afogueada, desprezava-se como inferior á fama do escriptor; e por isso naquelle seculo, propenso ás agudezas de theses e argumentos nebulosos, intrincados e sophistas, ninguém se eximia inteiramente ao contagio. ²

¹ Vid. M. dos Remedios, *Hist. da Litteratura Portugueza*, pag. 277 e seg.

² Id. *ibid.*, pag. 374 e seg.

Citemos, porém, alguns exemplos que abo-
nem o que avançamos e que constituam a prova
mais segura do espantoso embrutecimento a que
tinha chegado o rebanho pastoreado pelo 4.º cor-
naca da Casa de Bragança. Eis o titulo d'uma
obra :

«Zodiaco soberano que entre dous cometas
da vida humana contem brilhantes assumptos em
discursos tropologicos, encomiasticos e exegeticos
para os doze mezes do anno, quaresma e advento:
ideados nas divinas letras, exornados de varias
allegorias, exquisitos problemas, mysteriosos hie-
roglyphicos, philosophicas sentenças e humanida-
des celestes, com um astrolabio sacro-rhetorico,
omnimoda instrucção de prégadores, na qual co-
mo em planispherio mathematico estão recopila-
dos todos os preceitos da rhetorica sagrada, bre-
ve extracto de quanto o evangelico orador deve
saber, compendiado dos maiores oradores gregos
e latinos, sagrados e profanos.» 2 tomos. Sala-
manca, 1726 e 1734. ¹

Em face d'esta maravilha de dislates póde
alguem conjecturar que se tracte d'um caso es-
poradico entre as obras mysticas do tempo.
Pois decorridos dez annos, em 1744, imprimiu-se
em Lisboa um livro em 8.º com 119 pag. e com o
titulo seguinte :

«Instantes do heroe subtil e marianno, pre-
cursor da mais celeste aurora, trovão da sua pri-
meira graça, raio da sua primeira gloria, luz da

¹ B. Branco, obr. cit. pag. 116.

sua primeira duvida, o veneravel João Duns Scotto, traduzida do hespanhol, por Francisco do Rosario, prégador e indigno filho da Santa Provincia dos Algalves.»

E não tenho duvida em acreditar que o frade do XVIII seculo era mentalmente improgressivo, pois que, em 1754 ou seja nos primeiros annos do reinado de D. José, surge-nos um fr. Manuel Evangelista, doutor em Theologia pela Universidade de Coimbra, com uma obra assim rotulada: «Amores do Amado, Epitome selecto das Escrituras nas excellencias, grandezas e irregularidades do Querubim de Deus, Benjamin de Christo, Apice dos Prophetas, Timbre dos Apostolos, Aguia dos Evangelistas, Martyr sem mórte, Mestre dos doutores, Virgem sem macula, Secretario do Verbo Eterno, e Thesouro dos maiores segredos, e sempre venerado, e nunca bem conhecido, ainda que entre os mais mimosos S. João Evangelista.»¹ Não ha duvida: os nossos frades, aliás doutores em Theologia, de mãos dadas com os collegas hespanhoes, matavam a sede espiritual na fonte purissima das mesmas sandices! E todos estes productos de cerebrações doentias passavam pelo terrivel crivo expurgatorio do Santo Officio, do Ordinario e do Desembargo do Paço, o que nos leva a aquilatar o valor intellectual dos peregrinos censores.

Mas o frade não se preocupava unicamente

¹ Bern. Bran. obr. cit. pag. 114 e seg.

com a salvação das almas: tambem medicava os corpos dos seus semelhantes.

No convento de S. Francisco de Xabregas havia um fr. Jacintho que possuia uma admiravel receita que curava todas as doenças:

Dez reis de assucar candi
 Dez reis de mel rosado
 Dez reis de unguento Apostolorum
 Dez reis de pedra hume
 E um torrão d'assucar da grandeza d'uma noz.

Lançava tudo em tres quartilhos d'agua de cisterna e depois de estar d'infusão por 24 horas, o passava a uma garrafa de vidro, da qual o ministrava aos enfermos, que sem outro remedio saravam, sendo infinitas as pessoas que procuravam tão saudavel medicina para allivio de suas enfermidades. ¹

Em 1713 D. Caetano de Santo Antonio, conego regular de St.º Agostinho da Congregação de St.ª Cruz de Coimbra, Boticario do Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra da cidade de Lisboa, publicava, nesta cidade, a *Pharmacopea Bateana*, traduzida do latim, onde se liam receitas d'este theor:

«Pós de bythargirio de ouro 4 onças, vinagre bom, onças 8, dirija-se por tres dias movendo a materia muitas vezes e filtre-se. Serve para curar a vermelhidão da cara, bostellas, etc, etc.»

«Bagas de Alkegenges frescas, onças 6; pisadas se lhe lance soro uma libra e meia, es-

1 B. Branc, obr. cit, pag. 118.

prema-se o sumo, e se clarifique com clara d'ovo, depois se lhe deitem bagas frescas de Alkegenges inteiras, e se cosa em fogo brando com 3 oitavas de noz moscada. Trochiscos de Gordonio duas oitavas, raiz de cardo corredor feito branco primeiro ao fogo onças 2, cosa-se tudo até se fazer tenro, cosidas as bagas e tiradas depois, o licor com outro tanto assucar se coserá até ter consistencia de xarope, no qual se lançarão as bagas de Alkegenges, que é um contraveneno. Serve para todos os ataques dos rins, etc. ¹»

Não é para admirar que o frade se desse a therapeuta se attendermos á consideração em que eram tidos os medicos, de quem o bispo do Grão Pará escrevia:

«Julgo ser melhor curar-se a gente com um tapuia do sertão, que observa a natureza com mais desembaraçado instincto». ²

Effectivamente deveria ter razão o bispo.

O dr. Francisco da Fonseca Henriques, auctor da *Ancora medicinal* e do *Aquilegio* apreciava, nesta ultima, as virtudes especificas das Caldas da Rainha nos seguintes termos: «...e por isso são uteys nas parlizias, e estupores legitimos, nas convulsões; na surdez de causa fria, nos vomitos, e debilidades do estomago, nos cursos lentericos e celiacos; nas diarrheas em que o estomago e intestinos estão relaxados; na incontinencia da ourina, que tem por causa a la-

¹ id. pag. 130 e 131.

² *Memorias* cit. por id. pag. 118.

xação dos musculos da bexiga; na gotta arthetica; nas vertigens; na fraqueza das juntas; nos reumathismos antigos; nos accidentes de gotta coral; nas obstrucções que não sejam por resiccação, etc. Para os queixosos de molestias secretas, (que o medico designa por um adjectivo grosseiro) tambem são excellentes, não só pela razão de serem uns suores humidos, em que á maneyra de huma estufa se suão as humidades, ou humores do corpo em que o contagio... se sigilla: mas tambem pelas partes mercuriaes, de que as Caldas constão, com que este contagio se infringe, e se modifica, quando totalmente se não extinga.»¹

Quem isto escrevia era medico do Paço e, consequentemente, um dos mais conceituados do reino... E d'ahi, quem sabe? talvez que este medico fôsse um d'aquelles muitos felizes a quem o talentoso monarcha, num dos seus momentos de genial lucidez, cambiasse a profissão.

Ao naturalista francez Merveilleux que se encontrava em Lisboa em 1723 convidou-o el-rei a demorar-se, entre nós, para escrever a Historia natural de Portugal; acatadas as ordens do monarcha, é o naturalista mandado para a casa da moeda com 80\$000 reis de ordenado mensal. Não é muito, pois, que o rei magnifico — novo dr. Sangrado, nomeasse os Santillanas da côrte para o lugar de seus medicos no Paço, tanto mais que já nesse tempo, como hoje, até os ferradores se julga-

¹ A Pimentel — *As amantes de D. João V*, pag. 247.

vam com direito a envergar a veneranda tunica de Esculapio. «Quem quizer um remedio efficaz para almorreimas, curso de sangue, e dôr de cadeiras, sem prejuizo da sua saude, vá fallar com Manoel Correia, ferrador ás portas de S.^{to} Antão, que dirá onde se vende » ¹.

De resto, os cirurgiões eram perfeitamente dispensados, como se ensinava nos livros scientificos d'então.

Effectivamente, a botanica medica que servia de texto aos nossos antigos mestres era a obra de João Vigier, impressa em Lyon em 1718 com o nome de «Historia das plantas da Europa». na qual se diz a proposito das virtudes therapeuticas da consolida: — «bebida em pó abstrahe o sangue extravasado das veias, é boa para todas as quebraduras internas, seu sumo é admiravel contra todas as chagas da bocca e das gengivas, testiculos e partes pudendas de um e outro sexo; emfim, tem tantas virtudes que dizem que com esta planta *se pode passar sem cirurgiões.*» —

Não são menos interessantes e maravilhosas as propriedades do joio ahi descriptas: «Resolve, alimpa, embebeda, faz dormir, perturba os espiritos: o remedio é o vinagre, e é nocivo á vista: a farinha misturada com vinagre e enxofre cura as impigens, a sarna e a canceira; tambem resolve as alporcas. Cosido em vinho com estercor de pombo e semente de linhaça faz rebentar as apostemas rebeldes; feita em pessarios faz purgar

¹ C. Castell. Branco. *Os ratos de Inquis.* pag. 25.

a madre de suas superfluidades facilitando a conceição.»

Mas nem só os ferradores faziam concorrência aos discipulos do divino Hypocrates; o maior contingente *d'officiaes do mesmo officio* era-lhes fornecido pela Côrte Celestial cujos habitantes, numa santa emulação, se dedicavam a todas as especialidades medicas e cirurgicas, como se deprehende da leitura de qualquer das innumeraveis obras mysticas coevas.

Como exemplo, transcrevo da erudita monographia do sr. B. Branco, por mim já citada, um trecho extremamente caracteristico e comprovativo do fanatismo religioso que suffocava, como uma golilha de bronze, o Portugal de Damião de Goes e Ribeiro Sanches:

«É tão alta esta devoção (a das onze mil Virgens) que não ha mal ou enfermidade no mundo a que não acudam as onze mil virgens; todas valem para tudo, e muitas d'ellas particularmente para muitas enfermidades.

«Para a cabeça, para os olhos, para os dentes e ainda para conservar o parecer tendes a S.^{ta} Cordula: cura os freneticos, os paralyticos, os aleijados, as pontadas, as feridas, acode á esterilidade, facilita os partos, remedeia todo o genero de febre, e não havendo remedio para a morte, até aos mortos resuscita. Para os presos, para as dores do peito, para os naufragos, para as quedas e até para domar os brutos tendes a S.^{ta} Cunera. Para a apoplexia e para a peste tendes a S.^{ta} Odila.

«E porque não haja mal, a que não acudam

as Santas Virgens, até para sarar dos achaques da mocidade (!) tendes a S.^{ta} Aurula. A terra do sepulchro das Santas onze mil Virgens afugenta as serpentes e os animaes venenosos.»¹

Não dá mesmo vontade de perguntar a que especialidades se dedicariam as outras Santas Virgens? . . .

Nem a hydrophobia deixava de ter o seu Pasteur nas serenas regiões celicolas, pois que o melhor remedio contra a mordedura dos cães damnados, — consistia numa peregrinação a S.^{ta} Quiteria de Meca!

A febre formava-se « não só do calor preternatural extrinseco, mas tambem do natural, e ambos faziam cruel liga contra o paciente . . . » Faz lembrar aquella phrase pitoresca do barbeiro do nosso mallogrado Julio Diniz: « mas eu por mim penso que nestas doenças de retrocesso, a materia reimosa não sáe sem sedenho! »

*

* *

Do que fica exposto claramente se deduz o estado de decadencia intellectual a que tinhamos chegado, e que de nenhuma sorte era compensado pelo esforço generoso, mas improfiquo e inutil, de

¹ Luiz Botelho Froes de Figueiredo. « Modo efficacissimo de orar para conseguir a poderosa protecção das onze mil Virgens », publicadã em Lisboa em 1745.

alguns raros espiritos sadios, que tentaram, por vezes com sacrificio da propria vida, pôr entraves á onda gigantesca de corrupção, ignorancia e fanatismo que tudo attingia e dominava, tudo! Contrista-nos o termos de confessar que não encontramos nos xvii e xviii seculos um nome portuguez ligado á descoberta d'uma grande lei scientifica, d'um systema, d'um facto capital, dos que nobilitam e immortalisam uma nação.

Ao passo que a Europa culta citava com orgulho os nomes immorredoiros de Newton e Descartes, de Buffon e Lavoisier, de Harvey e Vico, de Bacon e Leibnitz, nós apenas manifestavamos a nossa degradação moral, o aniquilamento cerebral da nossa velha raça de heroes e de bravos, de conquistadores e tropeiros! Tudo perderamos, até o sentimento da propria dignidade!

Enfeudados á Inglaterra por tratados onerosissimos, ¹ eterna vergonha dos Braganças, eramos o ludibrio e o escarneo de todas as nações e, principalmente, da nossa secular alliada que nos apreciava, nesta phrase typica, pela bocca de lord Tirawley, seu embaixador em Lisboa: «que se póde esperar d'uma gente, metade da qual está pela vinda do Messias, e a outra parte pela de D. Sebastião?»

¹ Vid. José d'Arriaga — *A Inglat., Port. e suas colon.*, pag. 61 a 79. (Tratados de 1642, 52, o de Westminster de 54 e o de Methwen de 1703).

A espantosa riqueza¹ que o Brazil nos fornecia e que era de molde a vitalizar o cadaver mais corrupto e gangrenado, sacrificava-a a imbecilidade do monarcha á avareza insaciavel da Curia Romana, á estúpida ostentação d'um fausto sem limites, á exteriorisação espaventosa d'uma devoção piegas e á ociosidade devassa dos innumeraveis conventos que cobriam o reino, «asylos de impudicia e de prazer, execraveis antros de Venus,» como os denominava um bispo serio e grave.

O monarcha era, por assim dizer, uma synthese de toda a mentalidade portugueza da primeira metade do XVIII seculo.²

Desprezava e preteria os interesses mais instantes da nação em favor dos assumptos mais ridiculos, das questões mais frivolas e estereis. Em uma das suas cartas a D. Luiz da Cunha, conta o diplomata Alexandre de Gusmão que, tendo procurado falar a D. João v ácerca d'um negocio muito importante, viu-se obrigado a esperar muito tempo, porque a piedosa Magestade estava em conferencia com um andador, relativa a sa-

¹ Ol. Mart.—*O Brazil e as colon. port.*, pag. 87. *Hist. de Port.*, vol. II, pag. 122. Pinh. Chag., *Hist. de Port.*, pag. 395 e seg. vol. VI.

² Não ha ninguem, medianamente illustrado, que desconheça a vida sensual, torpe, prenhe d'escandalos, d'este degenerado. Em nada desmentiu as tradições criminosamente lubricas dos augustos ascendentes; mas, porque essas *porcarias reaes* se não conformam com o espirito d'este meu modesto trabalho, guardo silencio absoluto sobre ellas.

ber quanto rendiam as esmolas que os devotos deitavam na bandeja para a missa das almas . . . Os historiadores referem-se a esta devoção particularissima d'el-rei, mas nenhum d'elles a explica e muito menos justifica. ¹

Vou eu tentar a decifração do enigma com o auxilio d'um devocionario curiosissimo e não muito vulgar a que o auctor deu o titulo alar-mante de — *Gritos das Almas no Purgatorio* —.

Esta obra, offerecida a D. João v quando principe de 14 annos d'idade, é um admiravel repositorio de visões sobrenaturaes, apparições d'almas penadas, milagres, castigos, etc., e está escripta de molde a provocar a curiosidade do espirito mais avêso a leituras d'esta natureza e a produzir uma impressão indelevel nos cerebros fracos, credulos e timoratos. Basta respigarmos alguns trechos para que possamos avaliar o criterio do mystico auctor do livro.

Assim, a pag. 28 descrevem-se as penas a que as almas estão sujeitas no Purgatorio:

« Que será vêr dar a pobre Alma por aquellas profundas cavernas, donde estará muytas horas caindo sem tomar pé, aonde encontra espantosas féras, que humas pegam para morder, outras abração para desconjuntar, outras puxão para despedaçar, e todas para infundir o seu veneno até o coração; aonde não vê mais, que huma funesta escuridão, aonde não acha em que se pé-

¹ Vid. B. Br. obr. cit. pag. 124 e Oliv. Mart. *Hist. de Port.* v. II pag. 123 e 127.

gue sem se ensangoentar; aonde de subito se acha cuberta de innumeraveis aranhas, cobras, sapos e escorpiões, sem poder afugentallos, nem soltarse.¹

Depois da leitura d'este excerpto, não seria para admirar que o credulo principe se sentisse apavorado com os tormentos e com a bicharia que a ira de Deus (do Santo Officio) açulava contra as almas peccadoras. E esse pavor deveria tocar o seu zenith quando a pag. 38 lêsse o que affirmam alguns Santos, que nas suas visões — «vião as Almas em fornalhas muy bayxas de abobeda, para que reverberando o fogo dobrasse sua força e a do fumò suffocasse mais intensamente, outras vezes afogadas até á garganta em poços de metal derretido, outras pregadas na terra com prégos de ferro feitos brazas, outras penetradas e rodeadas de fogo; quanto tocavão erão chammas, quanto viam fogo, quanto respi-

¹ Eis o titulo da obra: «Gritos das Almas No Purgatorio, E Meyos para os aplacar. Livro Primeyro e Segundo, Traduzidos em o idioma Portuguez Pelo Padre Manuel de Coimbra, Clerigo Sacerdote do habito de S. Pedro, Do seu original composto em Castelhana Pelo Doutor Joseph Boneta Porcionista da Metropolitana Igreja de Çaragoça. Offerecidos Pelo Provedor, e Irmãos da Irmandade das Almas, novamente instituida na Capella de Sam Pedro da Cathedral de Lisboa, Ao Serenissimo Principe de Portugal D. Joam Nosso Senhor, Lisboa, Na officina de Antonio Pedrozo Galvão. Com todas as licenças necessarias. Anno MDCCIII.»

Nunca será demais lembrar que os devocionarios são elementos valiosissimos para a reconstituição historica d'este reinado. Possuo este e outros devocionarios do XVIII seculo, todos elles interessantissimos.

ravão fogo, e fogo quanto pizavão. Outras que estavam penduradas pelos pés, e a cabeça para baixo, metidas em huma fogueyra de horriveis chammas. Outras, que da grande dor d'estes e outros tormentos saltando-lhes os olhos fóra, rebentavão, lançando pela boca o coração em pedaços, cuja lastimosa carniceria acompanhavão com ays, e gemidos correspondentes a semelhante dôr.»

Na pagina seguinte é um monge cisterciense que, levado em espirito ao Purgatorio, nos affirma que viu «entre outros tormentos a huns, que atravessados em grandes espetos, lhes davão huma e muytas voltas sobre o fogo, ao qual assopravão sem parar feiissimos demonios, que tinham debaxo sertãs, aonde cahia a gordura, que com a força do fogo se derretia; e em estando cheas, lhas vestião em sima, com que lhes dobravão a dor, e o tormento.»

Não se esqueceu o astuto auctor de incluir as pessoas reaes em o numero dos sentenceados ao terrivel purgante espiritual, pois que na mesma pagina relata que «Santa Brigida vio que hum demonio atormentava no Purgatorio a hum Rey, dizendo-lhe: *Vieste ás minhas mãos muy gordo e farto de manjares, eu te adelgaçarey na minha prensa*; e pondo a cabeça do Rey entre seus fortes giôlhos, que erão como huma prensa, a apertava fortissimamente, até que os miolos se adelgaçavão como hũa folha de papel: Dizia-lhe: *Porque não abraçaste com amor e affabilidade a teus subditos, eu te abraçarey*; e formando braços

de duas formidaveis cobras, o abraçava, enroscando-se atrosmente com elle:» ¹

Não pôde dizer-se que o Dante castelhano fôsse dotado d'uma phantasia inferior á do collega florentino...

Por isso pinta e descreve com todas as côres e em arrancos d'um mysticismo idiota o formidavel antro do Purgatorio que, «segundo os Theologos e os Padres, he hum posto material, que Deos destinou para purificar as Almas, situado no centro da terra, parede em meyo do Inferno, a modo (como diz S. Vicente Ferrer) de hum capacissimo forno.» ²

E não se diga que as opiniões e a doutrina explanadas nessa obra não fôsem compartilhadas e até louvadas pelos oraculos sapientissimos do Santo Officio que, como se sabe, eram os orientadores da mentalidade d'essa epocha, porque o contrario se deduz da leitura da pagina immediata ao prologo do auctor, que reza assim :

«Approvaçoens do Santo Officio.

Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor.

Vi o Livro intitulado: Gritos das Almas, composto pelo Doutor Joseph Boneta, e traduzi-

¹ Seria um nunca acabar se eu me desse a transcrever todas as doentias locubrações de santas e santos, de frades e madres que o Doutor Boneta nos offerece nas 363 pag. da sua obra. Os trechos citados são sufficientes para se fazer ideia das restantes paginas do texto.

² Obr. cit, pag. 67.

do do Castelhana em Portuguez pelo Padre Manoel de Coimbra. Não achei nelle cousa alguma contra nossa Santa Fé, ou bõs costumes. Antes he obra muyto douta, devota, e a tradução não menos fiel, e ajustada, e como tal, dignissima da luz, e acceitação universal.

Lisboa Santo Eloy, 5 de Dezembro de 1702.

Francisco de Santa Maria.

Sou do mesmo parecer. Lisboa em o Convento de São Domingos, 23 de Dezembro de 1702.

Fr: João de S. Domingos » ¹.

A seguir veem estampadas as *licenças* e o *privilegio* concedido por D. Pedro II para que a obra «não pudesse vir de fóra do Reyno, nem impressor algum a pudesse imprimir, com as penas que aos mais livros se concediam etc.»

Poder-se-ha, todavia, suppôr que este devo-

¹ Transcrevo a pontuação, exactamente como vem no texto. Faz-me lembrar a orthographia augusta d'uma augustissima personagem no celebre autographo commemorativo do 5.º centenario do Infante:

«*Para celebrar a immorredoura memoria, do Infante D. Henrique, nada encontro melhor, do que, transcrever, a estancia de Camões, que serve de epigraphe, á excellente e benemerita, traducção do notavel livro de Major*».

Vid. Num, *commemorat*, do 5.º cent. do Inf. pag. 7 e 9. Junqueiro — *Patria* — pag. 232 da 2.ª edição.

O Senhor rei D. João V, que Deus haja, deveria garatujar, assim, pouco mais ou menos . . .

cionario nunca foi lido pelo principe D. João. Ha, porém, um facto que me leva a admittir a hypothese contraria: Quando D. João v subiu ao throno e o ouro brasileiro começou naquellas interminaveis peregrinações ás arcas pontificias, instou o monarcha com o Chefe da Igreja para que aos padres portuguezes fôsse concedido privilegio de *dizerem tres missas em dia de finados*, no que foi attendido ao fim de grande trabalhadeira diplomatica. Pois a pag. 155 da obra citada em que o auctor nos faz ouvir os — Gritos das Almas ao Rey, que tiveram na terra — lê-se, entre outras muitas supplicas, a seguinte: « Não pedimos (ellas almas) que vossa Majestade empenhe sua fazenda, senão sua auctoridade; se vossa Majestade interpuzesse esta com o Papa, *para alcançar o Privilegio de que os Sacerdotes seculares no dia dos fieis defunctos dicessem tres Missas*, como gozam alguns Regulares, isto custava tão pouco a vossa Majestade, como assinar uma carta, e a nós, e a vossa Majestade, valeria tanto, que não ha Arithmetica para o somar ».

Eis, se não provada, ao menos justificada a extraordinaria devoção do rei pelas almas do Purgatorio e, talvez, a desenfreada prodigalidade que sempre manifestou pelos conventos e egrejas nacionaes e estrangeiras, por todos os nichos de santos e bemaventurados cuja protecção contra os castigos do além-tumulo comprava a pezo de ouro. Se ellas eram tão terriveis as penas do outro mundo!

*

* *

Vem agora a tálho de foice perguntar:

Mas os censores do Santo Officio dar-se-iam ao trabalho de ler todos esses productos monstruosos de cerebros loucos, desequilibrados? Esses censores, escolhidos a dêdo, não seriam homens doutos, intelligentes e illustrados?

Se ainda hoje ha tanta gente que suspira pelo Santo Officio! ¹ Haverá motivos para essa religiosa saudade?

Para responder, cabalmente, a estas perguntas vou fazer algumas transcripções d'um outro devocionario, escripto por um *Mestre* em *Theologia* e *Consultor* (censor) do *Santo Officio*, ² que teve a bagatela de 18 edições!

Este reverendo frade a pag. 154 e sob a epigraphé — VIII Receita para curar alguma occasião

¹ O cathedratico da Universidade de Madrid Menendez y Pelayo, na sua obra: — « Historia de los heterodoxos catholicos », sustenta que só o estabelecimento da Inquisição e do Santo officio pode regenerar a Hespanha d'hoje, e insta com os poderes constituídos para que procedam nesse sentido. Menendez e Pelayo passa, na actualidade, por ser um dos homens mais sabios e eruditos da Hespanha. O que não serão os outros . . .

² « Mestre da Vida que ensina a viver e morrer santamente. XVIII impressam, offerecido a Jesus Crucificado pelo Padre Fr. João Franco (nada de confusões!) religioso da Ordem dos Prégadores, Mestre em Theologia, e Consultor do Santo Officio. Na Officina dos Herd. de Ant. Ped. Galrão. Com as licenças necessarias, anno de 1750. Vende-se na Portaria de S. Domingos e tem Privilegio Real ». Tambem possuiu um exemplar d'esta obra.

proxima, ou máo costume de peccar — faz-nos a descripção do Inferno nos termos seguintes: «... haja-se como quem applica os olhos para ver aquelle carcere do Inferno, aquelle tanque de fogo, que tem uma profundidade enorme, e uma capacidade immensa; cheyo de levaredas, enxofres, dragoens, serpentes, viboras e demonios. Vá vendo os corpos dos condemnados, como tiçoens accesos, attrahindo fogo com a respiração, lançando fogo pelos olhos, pelos ouvidos, pelos narizes, e pela bocca, porque até os ossos tem tão inflamados como hum ferro, que sahe em braza viva de huma fornalha ardente.

«Vá vendo a ordem, ou desordem, com que se achão no Inferno huns sobre os outros em rimas; huns com os pés para cima, e a cabeça para baixo; outros de costas, outros de ilharga; huns espetados, outros retorcidos; huns com um braço prezo a huma corrente de fogo, e outro braço na boca de huma serpente formidavel: e finalmente, todos elles se achão, como cahirão, sem se poderem bullir com o apertão, nem poderem menear nem hum só dedo.

«Depois haja-se como quem applica os ouvidos para escutar os ays, os gemidos, as desesperaçõens, as blasfemias, os alaridos, os clamores, e as vozes, que desentoadamente retumbão naquelles medonhos carceres.

«Depois haja-se como quem se applica para cheirar os insoffríveis fedores, que para aquella sentina de immundicias escorrem de todo o mundo, além dos máos cheiros, que despedem de si os

fogos de enxofre, e os corpos, que nelles se queimão; que dizem os Santos Padres, que se hum só condemnado apparecesse neste mundo, seria tal o seu fedor, que pegaria peste a todo o Orbe.

«Depois disto, veja se se acha com valor para gostar as bebidas amargosissimas, os chumbos derretidos, os pratos de bichos peçonhentos, osgas, aranhas, çapos, e outras savandijas, com que Lucifer banquetea os seus convidados. Apalpe depois disto, apalpe os corpos dos condenados, a quem amou ou, aborreceo, accesos como tiçoens; apalpe os espinhos agudos, as espadas affiadas, os tanques de fogo, e regelo.»

Esta enfiada de parvoices sahiu da penna d'um *Mestre em Theologia e Consultor do Santo Officio!* E eram estes os censores das obras de Damião de Goes, de Gil Vicente e de... Camões!»¹

Eram d'esta tempera os directores espirituaes do Portugal dos Braganças, os mesmos que moviam as mais ferozes perseguições a homens como o Padre Antonio Vieira e Filinto Elyseo, Serrão de Castro e Anastacio da Cunha o illustre lente de Geometria na Universidade, os mesmos que, num rouquejar de feras raivosas, atearam a sinistra fogueira que victimou o poeta satirico Antonio José da Silva, o Judeu!

Por demais conhecidas são as scenas vergonhosas e infames, d'uma crueldade bestial e selvagem que, á sombra da figura mansa do Christo,

¹ M. dos Rem. obr. cit. pag. 279.

foram representadas nos negros palcos inquisitoriaes.

Ha quem tente attenuar a tremenda responsabilidade dos poderes ecclesiastico e civil nesse desfiar lugubre de crimes que assombraram a consciencia universal, sustentando que «nós vivemos no regime da sciencia, elles viviam no da fé; nós obedecemos á utilidade, elles obedeciam á religião», ¹ como se o sentimento christão em todos os tempos e lugares não devesse ser superior á baixeza e degradação das paixões individuaes, como se fôsse a humanidade que devesse estar ao serviço da religião e não esta ao serviço d'aquella, como, com toda a justiça, observa uma das nossas maiores e mais puras glorias litterarias. ²

Uma nação que tinha como mentor o Santo Officio e como monarcha um beato sensual e corrupto, escravo de frades ignobeis e sanguinarios, só podia manifestar a sua emotividade psychologica por exteriorisações tão espiritualmente pequenas e acanhadas como o proprio cerebro que as concebia.

E assim aconteceu, *ad majorem Dei gloriam...*

Uma litteratura servil limitada á insipidez suporifera do discurso academico, da oração funebre, do panegirico d'encommenda, do devocionario místico e alvar; uma Arte crystalisada em

¹ Oliv. Mart., *Historia da Civilisação Iberica*, pag. 264.

² A. Herculano, *Historia do estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Prologo, vol. I.

frias montanhas de marmore d'onde não resalta um lampejo de genio, uma faisca de elevação e sentimento; uma sciencia de pacotilha bebida nos velhos e poeirentos alfarrabios da Edade Media; uma industria e agricultura pobrissimas por falta de braços e de protecção official e, portanto, um commercio nullo, tal era a nossa miseravel situação ao tempo do fallecimento de senhor rei D. João v, o que levava o grande estadista Alexandre de Gusmão a gritar afflictivamente:

«Portugal não é só Lisboa, illude-nos a apparencia opulenta da capital, mas o reino geme no regaço da mais completa miseria. Não ha dinheiro, não ha braços, não ha nada. Estamos em vespera de um cataclysmo.» E acrescentava: «A fradaria absorve-nos, suga-nos o reino, conduz-nos á ruina.» ¹

Falta-me o tempo e não me sobra o espaço para apresentar, á luz implacavel da Historia, a seriação de crimes e attentados á nossa independencia de povo livre tantas vezes perpetrados pelos atavicos descendentes da plebeia filha do Barbado ². Se tal fizesse, seria fugir ao meu plano de bosquejar um parallelo simplicissimo entre o

¹ P. Ch. obr. cit. vol. vi, pag. 358 e seg. Oliv. Mart. *Hist. de Port.*, vol. ii, pag. 125.

² D. João iv quiz entregar Portugal á França, como se vê do famoso documento encontrado na Casa de Niza por Silva Tullio, cazando o principe D. Theodosio com a filha do duque de Longueville, vindo este governar Portugal e refugiando-se D. João iv no Brazil, fazendo-se alli um reino independente. Mais tarde quiz unir Portugal á Hespanha, cazando o principe com

reinado de D. João v e o actual reinado, com o fim unico de frisar a nota da nossa miseria, da nossa degradação politica, moral, economica e mental, sob muitos pontos de vista perfeitamente equiparavel e, em alguns, inferior e mais accentuada do que a que caracterizou a primeira metade do XVIII seculo.

Não gastarei muita tinta neste esbôço: as figuras do meu quadro são apagadas, esbatidas, de luz mortiça como o morrão bruxuleante, meio consumido, d'um cirio d'enterro ...

*

* *

Não ha em Portugal chefe de facção politica cujo nome não seja thuriferado, diariamente, nas columnas da sua mercenaria imprensa, com os altisonantes epithetos de — *estadista eminente, honradissimo cidadão, gloria nacional*, etc., etc.

O *genio* é tão vulgar, entre nós, como as lendarias cebolas no Egypto dos Pharaós, ou como as codornizes e o maná nos desertos da Biblia.

Quando um ex-ministro escrevia que « para ser ministro não é necessario probidade, nem talento, nem estudo, nem patriotismo, nem conhe-

uma irmã de Carlos II; os outros Braganças que attentaram contra a independencia de Portugal foram D. Pedro II, D. Pedro I e D. Luiz I. O documento encontrado na Casa de Niza vem transcripto em « *As Modernas Ideias da Litteratura Portugueza* » de Theoph. Braga, vol. I, pag. 153-154.

cimento verdadeiro do estado e das necessidades do paiz, nem apoio da opinião, ¹ — » queria, sem duvida, significar que, para o desempenho d'esse elevado cargo, se pode prescindir de tudo, menos de *genio*: genio da intriga, da coscovilhice, da desvergonha, do impudor.

Porque, para que occultal-o? quem, dominado pela ambição de conquistar um lugar preponderante na politica, não fôr bastantemente cynico para varrer da consciencia estas ridicularias, estas infantilidades, a que os pobres d'espírito dão os nomes de — honestidade, honra, pundonor —, naufrága á vista do almejado lugar; nada consegue pelo caminho estreito do dever.

Exemplos: João de Deus e Guerra Junqueiro.

Os partidos da rotação fazem-me lembrar os dentistas de feira a prégar ao gentio boquiaberto a exclusiva efficacia dos seus elixires.

Todos os chefes se apresentam com a respeitavel etiquêta de Messias redemptores do povo, só com a ligeira differença de que é este quem agonisa pregado na cruz infamante.

Tambem não é o povo quem esfóla e põe em almoeda as tunicas d'estes salvadores de nova especie, mas sim estes quem joga a camiza e arranca a pelle áquelle. No mais, está conforme.

Já houve quem dissesse que os homens honrados estão na cadeia, ao passo que os tratantes

¹ *Diario Popular* n.º 4:044.

andam todos á solta..., opinião exagerada, é certo, mas com um grande fundo de verdade.

Se algum inflamado Isaias tem a velleidade de protestar contra um escandalo, um roubo, uma torpêza qualquer, commentam-lhe a inopportuna indignação com a phrase typica — *este ainda é de bom tempo!* —, phrase que vale um poema.

Os paes da Patria são intangiveis como os dogmas religiosos. Se alguém tenta cauterisar-lhes as mataduras com o caustico implacavel d'uma critica severa e justa, observa do lado um outro cidadão judicioso: — *lá está aquelle a querer endireitar o mundo!*, observação que vale dous poemas.

Neste paiz adoravel, a lei simplesmente abrange os interesses de dous padrinhos com os respectivos afilhados e compadres. A lei é uma *blague*, uma burla: abafa-se, esmaga-se, conforme a occasião e consoante as necessidades do cliente. A rebeldia dos que recalcitram é mitigada pelos sabres da policia, recrutada, para esse effeito, entre os que já não teem nada que perder. Chama-se a isto — *metter o cidadão na ordem*. E o que é a *ordem*? Uma formula sempre dependente das conveniencias dos mandantes. O que hoje é *ordem*, amanhã é *desordem*. A «Marselheza», diz a *ordem*, é um hymno subversivo; d'aqui a dias será, respeitosamente, saudado pela mesma *ordem*. Incoherencia? Não; é a alma de Tartufo accomodando-se ás circumstancias. O camaleão muda de côr; o politico muda de consciencia. S.^{to} Ignacio de Loyola, pela bocca e pela penna dos seus douto-

res; permite, aconselha e louva a *restricção mental*.¹ É assim que, em o nosso meio, em Portugal — granja feracissima da Companhia, abundam os camaleões de todos os feitios e tamanhos, em todas as classes e logares.

O egoismo e a mentira são as leis que regulam toda a actividade, toda a cerebração nacional; vive-se do primeiro, explorando a segunda.

Como neste torrão incomparavel nada se faz sem o carimbo d'este ou d'aquelle regulo, segue-se que tudo quanto para os outros represente uma aquisição no mundo das ideias, um passo andado na esphera do pensamento, no caminho da civilisação e do progresso, não tem cotação, é letra morta em o nosso meio. É vêr as attenções que aos nossos governantes merece o problema da instrucção, pedra basilar da florescencia d'um povo.

Quasi todos os annos os cozinheiros do Estado cozem e recozem o pão espiritual que tem de ser fornecido aos filhos de Minerva e não ha meio de obter uma fornada em condições de ser digerida.

A proposito do ensino secundario, escreve um illustre medico contemporaneo as seguintes amargas verdades:

« Gastando as energias mentaes da juventude na aquisição de conhecimentos pela maior parte inuteis á vida; viciando a intelligencia pela imposição de methodos archaicos, hypertrophian-

¹ Gury C. *theologia moralis* pag. 339 e seg. 1.º-v. Scavini. *Theologia moralis* 2.º-v. pag. 220. ed. de 1867.

do a memoria á custa das outras funcções do cerebro e, o que é mais grave, extinguindo toda a iniciativa pela estreita regulamentação da vida inteira do alumno, que se não pertence, mas á escola e á sua rigida disciplina, tão pezada como a das casernas, esse triste ensino não prepara fortes cidadãos para as asperas luctas da vida, mas candidatos aos suaves e faceis empregos do Estado. Precocemente gastos, com os seus pequenos cerebros atulhados de declinações latinas, de formulas algebricas, de datas historicas, de nomes de monarchas, de todo um microcosmo de coisas inapplicaveis, que outra aspiração podem ter esses prodigiosos moços sahidos dos lyceus?»

Tudo isto cheira á gangrena, á corrupção propria dos corpos sem vida, que invade tudo, avassalla tudo, como se alguém tivesse a decidida vontade, o feroz empenho, de transformar tudo *isto* num montão de cisco e lôdo. ¹

O povo quer-se estúpido, inconsciente, incapaz de formular um raciocinio. Se o povo se desse a pensar e fazer inducções e deducções estava

¹ Vem a pêllo recordar a attitude criminosa que a Vice-Provedoria do Hospital Geral de Santo Antonio tem observado perante as reclamações justissimas da nossa Escola que, ultimamente, tem empregado o melhor dos seus esforços no sentido de melhorar o ensino hospitalar dos seus alumnos o mais proveitoso e de maior utilidade pratica. Esse V. Provedor — um medico! — sob o falso pretexto de defender os interesses dos pobres confiados á caridade do Hospital, nega aos doentes das enfermarias da Escôla aquelle auxilio, cuja recusa ou mesmo simples preterição, pode importar a vida do doente. Bem comprehendida caridade, não ha duvida! Mas vão lá fazer luz no craneo d'este doutor!

tudo perdido. A ovelha transformava-se em lobo e lá se ia pela agua abaixo aquella admiravel regra da Companhia: «Sejamos como corpo morto que de si não tem movimento, ou como bordão nas mãos de um cégo».

No tempo de D. João v a liberdade de pensamento era pautada pelo cerebro dos onagros do S.^{to} Officio.

Hoje, depois de um *seculo de luzes*, todo o cidadão é obrigado a entregar os miólos ao arbitrio d'um *ensor*, muitas vezes boçal e analphabeto, que lh'os amolda ás exigencias d'uma regra preestabelecida. ¹

Nem ao menos nos valem os artigos da Carta d'alforria, hoje transformada em suja rodilha, que devemos á magnanimidade do *dador*; continuamos a viver na treva.

Naquelles tempos de obscurantismo e oppressão, a imprensa limitava-se, com pequenissimas variantes, a registar as vizitas diarias da familia reinante ás egrejas, capellas e conventos da capital. Era uma imprensa servil, sim, mas inoffensiva. ²

¹ Ainda ha poucos dias, a policia aprehendeu a ultima obra do eminente publicista Bazilio Telles. A este respeito leio no jornal, *A Voz Publica*, a seguinte informação: «Reuniu-se hontem a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto para se occupar da aprehensão do livro de Bazilio Telles, *Do ultimatum ao 31 de Janeiro*. Depois de condemnar o arbitrario facto, a direcção resolveu protestar contra elle, *dirigindo o seu protesto ao chefe do Estado e entregando-o ao governador civil assim de o fazer chegar ao seu destino.*» O grifo é meu. Até parece tróça!

² B. Branco, obr. cit. pag. 45-56.

Hoje, á parte honrosissimas excepções, é servil e prejudicial.

O nosso jornalista tem a alma na gavêta do argentario que lhe compra a penna como quem compra uma carapuça ou uma sacca de café.

Se num dia é deslombado pelos malfeitores da policia, no dia seguinte passeia de braço dado com o malfeitor, numa pacifica commuidade de ideias que enternece, que commove.

No XVIII seculo todos os fieis vassallos d'el-rei viviam sob a ameaça constante dos horrores inquisitoriaes.

Hoje, com essa infamissima lei de *13 de Fevereiro*, eterno borrão de tinta na alma que a concebeu, estamos numa situação immensamente inferior. Por mim, prefiro uma fogueira ao horroroso inferno de Timor, uma morte rapida a uma tortura lenta, sem fim. ¹

Naquelles ignominiosos tempos em que o monge e o jesuita imperavam como em terreno conquistado, sabia-se que o dinheiro da nação era esbanjado em procissões e festas a todos os santos da Egreja, dado de mão beijada a frades e freiras, á curia romana pelas indulgencias e

¹ O jornal da capital — *O Mundo* — tem sustentado ultimamente uma campanha violenta contra os castigos a que os prêzos estão sujeitos no Limoeiro. *Palmatoadas, pontapés, cavallo marinho, anjinhos nos pulsos, bordoada*, etc., nada falta. São estes os meios de que a *Ordem* lança mão para obter a regeneração dos criminosos. E grita-se e protesta-se contra as selvagerias de Monjuich, contra a prisão de Gorky — um desconhecido para a maior parte d'estes revoltados d'agua doce!

benções que nos dispensava, etc., etc., emfim sabia-se que os rendimentos da nação eram destinados á ostentação da falsa grandeza d'um povo ocioso, governado por um doido enfatuado.

E hoje? Todos o sabem: os rendimentos nacionaes são destinados... *a applicações indefinidas...*

São os nossos homens d'Estado, a nossa imprensa, quem o confessa.

Sob o governo do neto de D. João IV encontrava-se o reino num estado de decadencia financeira que tocava as raias da miseria: industria paralyzada, agricultura morta, commercio aniquilado. Estavamos sem vintem.

Hoje, sugado o reino por todos os ladavrazes da alta finança, escarnecido por todas as nações da Europa que se servem da sua ingenuidade para melhor o explorarem, esmagado por uma divida enorme de dia a dia mais avolumada pelo desperdicio e incapacidade dos governantes e por um parasitismo burocratico progressivo, estamos reduzidos a viver de expedientes vergonhosos, deprimentes, inominados.

A nossa agricultura, anemisada pelas successivas alcavalas do fisco que sobre ella pezam, sente-se cada vez mais repezada no seu desenvolvimento.

A industria, padecendo da mesma doença mortal, compensa-se á custa do operario cujo suor ella bebe numa ancia de vampiro insaciavel.

E o commercio? Esse vive da fraude.

Se accrescentarmos que o fanatismo, a super-

stição e a hypocrisia do XVIII seculo são precisamente as mesmas characteristics dos nossos homens d'hoje, que o frade e o jesuita de casaca são quem manda em os nossos lares, quem orienta a nossa politica, quem serve de guia e de pharol a todas as nossas manifestações collectivas, terei esboçado o quadro da nossa vida nacional.

É neste meio tão corrupto, tão profundamente viciado, tão roido de fome e de miseria, que alguns sonhadores pretendem resolver o problema tuberculoso, appellando para a augusta protecção do Estado que mal tem tempo para pensar na escamoteação dos votos d'uma assembleia eleitoral.

Nas paginas subsequentes direi o que penso sobre o assumpto.

TUBERCULOSE

De todos os problemas que assoberbam a sociedade contemporanea é, inquestionavelmente, o da tuberculose o mais grave e complexo sob qualquer aspecto que o encaremos — economico, social, therapeutico, hygienico ou prophylatico.

O bacillo de Koch, entrincheirado nos seus reductos de difficilimo accesso, victima milhões de vidas, destruindo as familias, depauperando as raças, implacavelmente, sem descanço nem treguas, sem respeitar sexos, idades ou posições, originando, assim, um *deficit* terrivel na economia e progresso collectivos pelas energias que aniquilla, pelas vidas que rouba.

Se compararmos as estatisticas obituarias das doenças contagiosas com as da tuberculose, veremos que este bacillo é o mais alentado e infatigavel coveiro da humanidade.

Effectivamente, no decorrer d'uma geração

a quarta parte dos individuos que a constituem é por elle affectada (Grancher) e o setimo da mortalidade total a elle é devida (Grancher, Strauss, Knopf). A eloquencia d'estes factos é posta em evidencia por alguns dados estatisticos consignados por Leon Petit; comparando a mortalidade annual produzida de 1879 a 1895 no departamento do Sena pela variola, esscarlatina, febre typhoide, diphteria e tuberculose, obtem os seguintes resultados: a media annual, neste lapso de tempo, foi para a esscarlatina e variola de 376 obitos, para a febre typhoide de 928, para a diphteria de 1920 e para a tuberculose... de 14.563!

As epidemias que maior terror causaram em Paris foram as de cholera asiatico em 1832, 49 e 53, que, segundo o mesmo auctor, produziram, naquelle departamento, 57:135 victimas.

A tuberculose, determinando na mesma area 15:000 obitos por anno, causou somente em 4 annos o mesmo numero de victimas que a cholera em 21 annos. Leon Petit ainda affirma que a tuberculose desde 1883 a 1895 custou a toda a França seis milhões de vidas, ao passo que a cholera nos seus ataques mais violentos e em egual periodo de tempo victimou apenas 382.955 individuos.¹

Esta perda enorme de vidas é confirmada por L. Renon que nos diz que a tuberculose mata

¹ Vid. *Porto Medico*, artigo do Dr. Tito Fontes, intitulado *Tratamento da tuberculose pulmonar*.

em França 150.000 pessoas por anno e attinge 700: a 800.000; que, se essa mortalidade estivesse limitada a um logar, desappareceria cada anno uma cidade como Tolosa e que, se estivesse circumscripta a um departamento, morreriam todos os habitantes de departamentos como o de Gard, o de Saône-et-Loire, etc.

Em Portugal, a tuberculose mata por anno 20.000 individuos, o que equivale a dizer que, no periodo relativamente curto de 18 annos, se os nossos admiraveis estadistas se mantiverem na criminosa indifferença em que até hoje se teem obstinado, desapparecerá, eliminado pela tuberculose, um numero d'habitantes correspondente ao da cidade de Lisboa; em dous annos um numero de vidas superior, em mais de um terço, ao dos habitantes de Braga.¹

E se nós attendermos ao capital medio que podemos attribuir a cada um dos sacrificados, vemos que o paiz soffre, annualmente, um *deficit* de 10:000 contos ou 180:000 contos ao fim de 18 annos.

Se calcularmos a despeza com o tratamento e alimentação dos doentes e a improductividade d'estes, o capital perdido ascende a uma somma muito mais consideravel, não falando na perda de energias intellectuaes e reproductivas, consequencia fatal do mesmo lugubre factor — o bacillo de Koch.

¹ O ultimo censo da população do reino dá á cidade de Lisboa 176.359 machos e 180.641 femeas, ou seja um total de 357.000 habitantes.

Não é licito, portanto, duvidar da extrema gravidade do problema tuberculoso que, além de constituir um perigo nacional, ainda apresenta a desvantagem da sua íntima relação com o formidável problema economico-social que no estado actual da sociedade se apresenta como verdadeiramente insolúvel. Tentar reduzir o problema bacilloso a uma simples formula de therapeutica, de hygiene ou prophylaxia, é não vêr bem o fundo escuro da questão onde as trevas se avolumam e condensam á medida que o nosso espirito lhe vae perscrutando os meandros, invadindo os recessos mais íntimos e mysteriosos.

Pretender entrar a marcha funebre que o cruel bacillo vae executando através dos campos e das cidades, merecendo-lhe os palacios habitados pelos bemditos da Fortuna a mesma consideração que os humildes casebres ruraes, onde os miseraveis filhos do povo tiritam de febre e de frio por falta de pão e de luz, querer obstar a essa marcha sem que a medicina, a sociologia, a economia politica e até a religião confraternizem nessa cruzada heroica, é querer attingir o irrealizavel, visto que a tuberculose, semelhante a um polypo gigantesco, está ligada pelos seus innumerables tentaculos a todas as modalidades, a todas as manifestações da mentalidade collectiva.

Não ha negal-o.

D'aqui resalta, claramente, a extrema complexibilidade da estrategia anti-bacillar a estabelecer e a pôr em pratica com o fim, não só de combater o flagello, mas as funestas consequen-

cias que elle arrasta e que encontram a sua synthese desoladora em toda essa legião de inadapta-veis — alcoolicos, loucos, criminosos — productos degenerados da fadiga e miseria organicas, por sua vez e em grande parte causadas pela tuberculose.

* * *

Attendendo a esta alarmante situação, foi que, em o nosso mundo scientifico, se constituiu uma nova ala gentilissima de namorados onde abundam os Mem Rodrigues d'alma temperada para a lucta, animados da mesma fé medieva, do mesmo patriotismo terso e altivo que levou os companheiros de D. João I a morrerem em volta d'uma bandeira, symbolo sagrado das mais nobres ambições.

Quero referir-me á formação da «Liga Nacional contra a Tuberculose» que, até hoje e a despeito da mais encendrada bôa vontade dos seus illustres membros, muitos sermões tem pré-gado á estupidez indigena, mas nenhuma ou quasi nenhuma conversões tem realizado, attenta a impenitencia dos dirigentes e a treva craneana dos dirigidos.

A quem deveremos, porém, imputar a maior culpa, a maxima responsabilidade do acontecido?

Tenhamos coragem para o dizer: a ingenuidade e fé primitivas dos nossos distinctos medicos leva-os a não vêr ou a não quererem vêr que a nullidade dos seus esforços generosos, resulta, pre-

cisamente, da orientação dada pelos Congressos á lucta emprehendida contra o bacillo.

Declaro que tambem pertenço ao numero d'aquelles que sustentam que o lemma da bandeira da maior parte dos congressistas — guerra ao contagio! —, prégado aos quatro ventos de Portugal pelo illustre Prof. Miguel Bombarda, deve ser substituido por um outro mais racional e de mais largo alcance — guerra aos dirigentes! — que, enfronhados numa politica mesquinha, criminosamente individualista, votam ao desprezo mais irritante os votos dos congressistas que representam os angustiados clamôres de dezenas de milhares de miseraveis, que teem direito a uma consideração diversa da que o rapazio costuma prestar aos cães vadios e sem dôno.

Quererá isto dizer que o contagio não represente um factor importante na etiologia bacillar? Não; mas querer attribuir-lhe o principalissimo papel neste ceifar de vidas sem conta, é não querer ver a falta de proporção existente entre a phantastica quantidade de bacillos irradiados de qualquer fóco tuberculoso e o numero relativamente diminutissimo dos que contraem a doença.

Se não, vejamos:

Está provado que um tuberculoso que expectore tres centimetros cubicos de escarros de hora a hora, põe em liberdade *setecentos milhões de bacillos por dia*. Mas ha mais:

Das experiencias de Flügge e da escola de Breslau que resumem aproximadamente as con-

dições do contacto da vida habitual, chegamos ás seguintes conclusões:

1.^a Falando, tossindo e expectorando, o tuberculoso emite em todos os sentidos poeiras salivares bacillíferas, num raio de projecção que vai de 1^m a 1,^m40.

2.^a O alcance da projecção diminue notavelmente quando se toma a precaução de collocar um lenço adiante da bocca antes do accesso tossiculoso, restringindo-se, nestas condições, a 0,^m80 o raio da esphera de contaminação.

3.^a Uma vez depostas, as gottas virulentas são susceptíveis de serem de novo transportadas ou destacadas pelas correntes d'ar; a sobrevivencia dos germens é de 18 dias, o maximo, na obscuridade, e de 3 sob a insolação.¹

Pergunta-se: sendo isto assim, e attendendo ao desprezo quasi absoluto a que são votados pelas classes trabalhadoras e até pelas favorecidas da fortuna, os mais rudimentares preceitos da hygiene e da prophylaxia, como se comprehende que, entre nós, haja individuos não tuberculosos?

Não, não se comprehende e permitta-se-me a phrase popular: *o diabo (contagio) não é tão feio como o pintam* . . .

Em abono d'esta verdade ahi vão algumas observações pessoaes:

¹ Vid. L. RENON, *Les Maladies Populaires*, pag. 383 e seg.

1.^a Observação

Manuel Exposto, casado, sapateiro, de 34 annos d'idade, é um tuberculoso pulmonar no periodo de cavernas.

Tem hemoptyses frequentes e expectora abundantemente para o chão, na rua e em casa, sem tomar precauções de qualquer natureza que ellas sejam. Convive, hora a hora, com os vizinhos que lhe frequentam a officina e que, tão ignorantes como o doente, consideram o bacillo como um pobre bicho inoffensivo, *incapaz de fazer mal a um christão*, apesar de repetidas admoestações e, por vezes, asperas censuras que lhes dirigia quem, como eu, aprendeu a ver na tuberculose uma doença eminentemente contagiosa.

Este desgraçado artista vive com a mulher numa casinha terrea composta d'um compartimento de 5^m2, dividido por um biombo em dous compartimentos secundarios, num dos quaes tem a modesta officina e no outro a enxerga onde dorme com a mulher durante 18 mezes.

Ha um outro compartimento de menores dimensões, separado do primeiro por uma porta, e que desempenha as funcções de cosinha... e de retrete. Alimenta-se mal; doente, vê-se obrigado a trabalhar para viver. Morre, finalmente, ao cabo d'um martyrio de mais de dous annos, tempo mais que sufficiente para contagiar todos os habitantes d'esta minha linda aldeia, por isso que o doente, em questão, deveria ter pôsto em liberda-

de para cima de *duzentos e cincoenta e cinco mil e quinhentos milhões de bacillos*, em conformidade com os venerandos ensinamentos da sciencia.

Pois tendo fallecido o pobre do sapateiro ha mais de 15 mezes, e, tendo eu seguido e examinado attentamente as pessoas com quem elle convivia, *nenhuma foi contagiada, nem a propria mulher com quem dormia!* Resta accrescentar, como complemento a este facto, que a casa onde se deu o obito não soffreu a mais ligeira desinfeccão, nem mesmo a mais simples lavagem; e, não obstante, lá está a viver ha mais d'um anno um outro sapateiro—Manoel Abreu—com dous aprendizes que, no dia em que isto escrevo (12 de Setembro de 905) gozam todos tres uma saude que desafia as arremettidas de todo o mundo bacillar!

2.^a Observação

José Ramôa, solteiro, de 21 annos d'edade, sem modo de vida certo, é um tuberculoso pulmonar e d'esta doença vem a morrer dous annos depois. Tem uma expectoração abundante que elle lança, indistinctamente, *onde calha*, segundo a phrase pitoresca d'uma pessoa da familia. Vive com dous tios e uma tia num casebre pobrissimo, verdadeiro antro de miseria, immundo e escuro. Os tios, de nome Silvestre e Domingos Perrilho,

dormem na mesma cama com o sobrinho durante dous annos ¹.

O mais velho dos tios, de 40 annos d'idade, solteiro, ferreiro, é um alcoolico inveterado; contrahe a tuberculose e d'ella vem a morrer ao fim de tres annos.

Se calcularmos, agora, a quantidade aproximada de bacillos emittidos na expectoração d'estes dous tuberculosos, chegaremos á *ridicula miseria* de 1.277:500 milhões!

Pois o mais novo dos tios e a irmã d'este, cinco annos após o fallecimento do sobrinho e dous annos depois da mórte do irmão, continuam a viver no mesmo casebre e passam de perfeita saude...

3.^a Observação

Alvaro da Silva, de 45 annos d'idade, cazado, ferreiro, principiou a *soffrer do peito* ha 11 annos, tendo tido, d'então para cá, grandes hemorragias pela bocca, uma e duas vezes por anno, em quantidade bastante para *encherem uma almofia* de cada vez. Ha cinco annos que não trabalha. Dormiu sempre na mesma cama com a mulher até que, ha perto de dous annos e por lh'o

¹ Queixou-se-me um dia este desventurado de que os tios o deixavam exposto ao ar frio da noute, porque, « com as voltas que davam na cama, » tiravam-lhe toda a roupa que se reduzia, se bem me recordo, a uma manta de farrapos!

aconselharem, principiou a dormir em cama separada, mas collocada perto da da mulher.

Expectorou sempre e continua a expectorar com abundancia, servindo-se, actualmente, d'uma escarradeira portatil que lhe offereceram, ha cerca d'um anno, e que elle *desinfecta*, ao anoutecer, com uma pouca *d'agua fria*, procedendo em seguida ao enterro d'esta curiosa cultura (escarros e agua fria) numa cóva que elle proprio vae abrir no quintal da casa.

Actualmente fala com esforço em virtude de uma aphonia muito accentuada que o *suffoca* e *esgana*, segundo o seu modo de dizer. Este tuberculoso laryngo-pulmonar vive, desde que cahiu enfermo, numa casa terrea de pequenissima cubagem em companhia da mulher — Antonia Mestreira, de 44 annos d'idade, e de tres filhos — Rosa de 23 annos, Bento de 18 e Antonio de 12. Tanto a mãe como os filhos foram sempre saudaveis e continuam a ser tratados pelo bacillo com uma gentileza só propria de animaes nobres, generosos e bem educados ¹.

Quantas dezenas de milhares de milhões de bacillos não terá expectorado este desventurado? Quantas occasiões de contacto familiar se não teem dado, e continuam a dar, entre elle a mulher e os filhos?

Qual a razão porque estes quatro individuos não manifestam nem accusam nenhum sympto-

¹ Estes factos que acabo de citar, são conhecidissimos no meio em que vivo.

ma de bacillose, se, ha *onze annos*, privam a todos os momentos com um tuberculoso?

Comem os mesmos alimentos, respiram o mesmo ar, soffrem as mesmas privações, vivem no mesmo meio acanhado e sem luz onde os microbios devem pullular como tortulhos em bem adubada montureira e, todavia, são fórtes, robustos e sadios! Francamente: não comprehendo.

Poderia citar mais observações, que as tenho á mão, mas para quê? se estas são tão eloquentes na sua simplicidade?

Portanto, peço venia para estabelecer com todo o rigor logico o seguinte dilema: — ou o tuberculoso expectora 700 milhões de bacillos por dia, nas condições supracitadas, como terminantemente o affirma a sciencia, ou não expectora. Se expectora, conhecidas as condições e a facilidade de contacto da vida habitual, concluo que o bacillo de Koch é um bacillo relativamente innocente e, consequentemente, o contagio não desempenha o papel que se lhe attribue na etiologia da tuberculose. Se não expectora, com mais razão terei de procurar a chave do enigma — a espantosa mortalidade pela tuberculose — noutra causa que não a do contagio.

E d'este circulo não ha que fugir.

E não vá alguém pensar que, se os meus patricios não estão *todos* tuberculizados, é, certamente, devido ás precauções que elles põem em pratica na louvavel intenção de salvaguardarem as respectivas barbas ao verem as do vizinho a arder. Nada d'isso.

A freguezia de S. Jeronymo de Real, minha terra natal, compõe-se de 300 fôgos habitados por 1221 individuos, ou 4,21 habitantes para cada fôgo. Estes fôgos estão quasi todos aglomerados em quatro filas parallelas, formando duas ruas de 5^m de largura e 250 a 300^m de comprimento, e, com poucas excepções, são outros tantos pardieiros negros e abjectos. As duas filas centraes encontram-se separadas, uma da outra, por pequenas hortas onde o gado suino, nas casas que o teem vive em fraternal convivio com os donos, quando a generosidade d'estes o não abriga na propria habitação—o que é vulgar neste meio primitivo. Nas duas filas lateraes a mesma immundicie, a mesma promiscuidade entre homens e animaes.

A maior parte das casas são terreas e habitadas por ferreiros sustentados a borôa e caldo de couves adubado com um fio d'azeite (quando o teem!), o que representa a maior miseria e a maior falta de limpeza concentradas no mais limitado espaço.

Se exceptuarmos 17 casas onde o asseio não é uma palavra vã, todas as restantes estão nas melhores condições para uma sementeira de doenças infecciosas.

Da mesma opinião é o sr. prof. Bombarda: «É preciso ter uma vez percorrido as casas immundas e estreitas de um bairro miseravel, para que se tenha a consciencia de que, dada a presença d'um tuberculoso, bacillos da doença se deverão encontrar *em maior abundancia* que nas

condições oppostas, do mesmo modo que o aperto em que todos vivem *deverá pôr mais em contacto a familia sã com o doente e portanto facilitará o contagio.*»¹

Pois eu não tenho essa *consciencia* e, já agora, morrerei impenitente, tanto mais quanto é certo que os casos que aponteí valem mais que todos os dogmatismos cathedrauticos, sejam elles religiosos ou scientificos.

Creio-me, portanto, no plenissimo direito de, como modesto recruta no assumpto de que se trata, enfileirar ao lado de um professor da nossa Escola que, em artigos d'uma «verve» incomparavel, reduziu ás devidas proporções a funcção etiologica do contagio»²

*

* *

Abramos um parenthesis.

Longe do meu cerebro o mau pensamento de acreditar que o Prof. Bombarda tem andado a desfructar o respeitavel publico que o lê e que o ouve. Todavia, na conferencia realisada pelo illustre professor da Escola de Lisboa na 3.^a sessão do 2.^o Congresso contra a tuberculose, ha uma serie de proposições, a meu ver, em flagrante

¹ Relat. do 2.^o Congresso contr. a Tuberc. pag. 94.

² Vid. *Porto Medico* n.^{os} 4 e 5 de 1904, artigos do Prof. Alfredo de Magalhães.

contradição com a dura realidade dos factos e que merecem ser citadas.

«O ideal da nossa era, diz sua exc.^a, dilatouse, as fronteiras vão cair, e o mundo civilisado, por ora elle só, abraça-se na mais ampla solidariedade» (!)

Perfeitamente; como exemplo d'estes ternos abraços e commovente solidariedade, assistimos, ha pouco tempo, á sangueira hispano-americana, á chacina anglo-transvaliana e, hoje, — hoje! — estamos ainda a ouvir os gritos d'alegria e os protestos de reconhecimento com que o povo russo agradece e sauda a generosidade do Czar — o anjo da Paz — que lhe mata a fome com ondas de metralha, que lhe manda fuzilar, covardemente, por uma horda de ignobeis assassinos, os velhos, as mulheres e as creanças nas ruas de S. Petersburgo. E que direi da matança periodica dos armenios consentida e instigada pelo *sultão vermelho*, com grande gaudio e aprazimento do tal mundo civilisado? E a aniquilação methodica do indigena africano, por meio do gin e da polvora, levada a cabo com evangelica paciencia pelos colonos europeus?

«Hoje, nos povos civilisados, (em quaes?) não ha fome nem peste, e a guerra mesmo está em via de desaparecimento.»

Está-se mesmo a metter pelos olhos dentro que a lucta collossal travada entre o capital e o trabalho, lucta que faz tremer de justissimo receio todos os Estados, é devida a uma crise... d'abundancia.

Ainda ha dias os jornaes da capital noticia-ram que, na villa de Moncôrvo, morreu de fôme uma mulher com dous filhinhos, um d'elles de peito. Bem sei que, entre nós, já não ha aquella fôme que, na Idade Media, dizimava populações inteiras.

Em compensação, temos a fôme que mata lentamente por depauperamento progressivo do organismo, a fôme que estrangula, hora a hora, os proletarios que se vêem obrigados a enganar o estomago com um pedaço de pão de kaolino ensopado em suor, fôme incomparavelmente mais torturante que aquella que executa o paciente em alguns dias.

Peste... temos a « peste tuberculosa » que vale bem todas as pestes passadas, presentes e futuras. Esta verdade, por intuitiva, não carece de demonstração.

Mas onde o meu assombro sóbe de ponto é quando o sabio psychiatra affirma — « que *as juntas de inspecção militar* são rigorosas na eliminação dos candidatos á doença, de modo que o grupo militar é um aglomerado de escolha, onde estão os mais fortes, os mais sadios, isto é, os que se póde dizer zombam da phthisica. (!!!) E todavia, a tuberculose reina nos exercitos de todo o mundo por um modo espantoso e inesperado.

« Nos exercitos da Europa, diz Collin que, pelo menos, um terço da mortalidade é occasionado pela tuberculose pulmonar, chegando-se ás vezes mesmo até á metade dos obitos totaes. »

É do contagio — sempre do contagio! — que

o professor Bombarda, ainda neste caso e de resto em qualquer outro, lança mão para explicar, para interpretar, a obitualidade pela tuberculose nos exercitos. Todavia, M. Kelsch, nos *Archives de médecine et de pharmacie militaires* do mez d'Outubro de 1900, combate o papel primitivo que se attribue ao contagio na tuberculose do soldado, pois que, na sua opinião, o *exercito recebe mais tuberculosos* do que *aquelles que dá*; recebe individuos já infectados, attingidos de tuberculose latente ou d'antigos fócios bacillares que se despertam sob a influencia das modificações d'hygiene, das condições muitas vezes defeituosas da caserna, das fadigas da marcha e, sobretudo, em virtude da chamada da classe nas proximidades do inverno, numa epocha deploravel e nefasta.¹

Quem acreditará, hoje, «que as juntas de inspecção militar sejam *rigorosas* na eliminação dos candidatos á doença», se até os *coxos* e os *idiotas* ella apura para o exercito?»² Qualquer po-

¹ L. Renon, obr. citad. pag. 389.

² Não ha muitos annos que, alli na immaculada cidade dos Arcebispos, nos exercicios de aprendizagem do serviço de recrutas, no campo de D. Luiz e ao bom sol de Deus, se notava, com pasmo, um pobre galucho *coxo* que, pelo facto de o ser, se via impossibilitado de acompanhar os camaradas nas evoluções que estes executavam á voz d'um sargento. Quantas vezes o vi! E não ha ninguem em Braga que desconhêça o celebre *Christinho* que, sempre que estava de guarda ao quartel e ouvia badalar um sino, pouzava a espingarda... e ia ouvir missa. Isto são factos réaes, não são phantasias d'auctor.

litico cretino com respeitavel cadastro em ladroeiros eleitoraes, *livra* um afilhado musculoso e herculeo com a mesma facilidade com que *põe as correias ás costas* a um rachitico, a um tuberculoso, filho ou parente de cidadão, que milite em politica contraria. Isto, entre nós, é uma especie de pão nosso de cada dia.

Pôr em duvida estas verdades é o mesmo que desconhecer o meio corrupto em que vivemos, a falta de consciencia moral e o impudor dos acrobatas do nosso mundo politico. Todos nós sabemos que, nessas juntas d'inspecção, os medicos são meras figuras decorativas desempenhando, quasi sempre, um papel puramente passivo que o caciquismo civil ou militar lhes distribue. D'aqui deriva, como consequencia inevitavel, uma selecção feita a êsmo, sem criterio, e dependente da maior ou menor influencia politica dos *trunfos* locais, selecção que, por sua vez, vem a dar origem, não a um «aglomerado de escolha onde estejam os mais fortes, os mais sadios,» mas a um aglomerado vulgar, verminado por todos as doenças, por todos os achaques e, fundamentalmente, pela tuberculose, como o comprovam as estatisticas militares.

Concluo, portanto, com M. Kelsch, que o *nosso* exercito recebe mais tuberculosos do que aquelles que dá.

Em conclusão: quem, como o professor Bombarda, claudica, por uma fórma tão completa, em assumptos nos quaes o seu modo de vêr pessoalissimo é formalmente, desmentido pela rude

realidade dos factos, tambem não é muito que, em relação á etiologia do contagio tuberculoso, se recolha a um exclusivismo quasi feróz em absoluta discrepancia com os dados indestructiveis da mais rudimentar observação.

Está fechado o parenthesis.

Supponho ter destruido, embora succintamente, o lemma d'aquelles que sustentam que a guerra ao contagio, ao escarro, ao bacillo, deve ser a móla real da lucta antituberculosa. Prosigamos, pois, na investigação da incognita do nosso problema, que acabaremos por encontrar desde que, cerrados os ouvidos ao *magister dixit* dos chavões da Sciencia, nos deixemos guiar pela nossa razão insubmissa e rebelde a todos os dogmatismos cathedraticos, e, unicamente, a orientemos por um criterio baseado em dados positivos, claros e irrefragaveis.

Neste intuito vejamos, em primeiro lugar e o mais syntheticamente que nos fôr possivel, o que nos dizem as sciencias medicas relativamente ao tratamento da tuberculose.

*

* *

Todos os phtysiotherapeutas concordam em que o tratamento individual do tuberculoso comprehende, simultaneamente, a medicação, a alimentação, a cura d'ar e a cura de repouso, tra-

tamento que nós podemos representar pela seguinte equação: $\text{Trat. T. P.} = \text{Medic.} + \text{Aliment.} + \text{Ar} + \text{Repouso.}$

Resalta á primeira vista que esta equação não pode ser applicada á grande massa dos proletarios a quem a lucta pela vida não permite o repouso, mal consente uma alimentação frugalíssima e quasi sempre nega a cubagem d'ar indispensavel á ventalição pulmonar.

Analysemos, porém, cada um dos termos do segundo membro da equação proposta e vejamos se, realmente, podem ser applicados á classe operaria, a mais dizimada pela doença.

Pondo de parte a *medicação* que no tratamento anti-tuberculoso desempenha um papel secundario em relação aos tres restantes termos, passemos a apreciar o 2.º termo, ou seja a

ALIMENTAÇÃO

A recommendação banal que muitos julgavam dever dar a todo o phtisico, dizendo-lhe «comei o mais e o melhor possivel,» deverá d'hoje em diante dar logar a uma formula mais racional: «comei muito mas digeri bem.»¹ Ora, sendo certo que os salarios que as classés trabalhadoras auferem apenas lhes dão direito a uma alimentação

¹ *La Semaine Medicale*. Dr. L. Cheinisse (De Paris), *Le Congrès International de la tuberculose et l'état actuel de nos connaissances sur cette maladie*. 17 d'Outubro de 1905.

quasi exclusivamente vegetariana,¹ sou obrigado a concluir que essas classes se encontram na impossibilidade absoluta de lutar, com vantagem, contra o mal.²

E, se o nosso operario, nas actuaes condições economicas do nosso meio, não pode alimentar-se convenientemente, muito menos poderá superalimentar-se, como o prescreve a medicina. Logo, as classes proletarias teem, necessariamente, de ser levadas de vencida na lucta contra a doença.

Em nada lhes aproveita, portanto, por inapplicavel, o 2.º termo do 2.º membro da equação—
Trat. T. P.=Medic. + Aliment. + Ar + Repouso.

Por isso é que «o povo dispensa os conselhos d'aquelles que, *tendo n'alma o calor dos grandes apostolados*, o convidam a comer bem, a beber melhor, a viver confortadamente em habitações modernas cheias de sol e de saude.» Justo e claro.

¹ O sr. Bazilio Telles na sua obra — *Carestia da vida nos campos* — apresenta o orçamento das despezas d'uma familia jornalreira. (2 adultos e 2 menores). Este orçamento na minha opinião pode, com pequenas variantes, applicar-se a qualquer familia operaria rural ou urbana. Em face d'esse orçamento conclue-se que não é com pão de milho e couves gallegas, sardinhas e feijão frade, que um tuberculoso poderá superalimentar-se. Vid. obr. cit. pag. 238 e seg. e 409.

² É por demais conhecida a desproporção entre os salarios das classes operarias e as mais instantes necessidades da sua vida, para que me julgue dispensado de o provar.

AR

Houve tempo em que o sanatorio era considerado como o *principio e primum movens* da lucta anti-tuberculosa, o instrumento capital da prophylaxia social. ¹

Mas, ao passo que foram elaboradas e attentamente meditadas as estatisticas em que é consignado, pela muda e fria eloquencia dos numeros, o rendimento de curas obtidas nos principaes sanatorios populares da Allemanha, principiou de fazer-se um movimento muito accentuado contra o «sanatorio fechado» e a favôr da «cura livre» feita no campo em qualquer casa, visto ser muito economica e ter dado resultados tão numerosos como os que se obteem nos melhores sanatorios.

Hoje este movimento vae ganhando os mais illustres phtysiotherapeutas da França e até da Allemanha que sustentam que «querer limitar a lucta contra a tuberculose ao sanatorio é querer impedir uma arvore de rebentar, mondando-lhe annualmente os ramos: para matar esta arvore é necessario cortar-lhe as raizes.»

¹ Refiro-me aos sanatorios populares e só a estes, cuja creação, entre nós, ainda está nas regiões do sônho, d'onde nunca deverá sahir. Figura-se-me, porém, que os nossos sabios Esculapios nem ao menos querem aproveitar as lições que os sanatorios populares da Allemanha nos estão a fornecer . . . gratuitamente. Temos a maldita pecha de imitar, de importar do estrangeiro só aquillo que nos prejudica e em nada nos aproveita.

É que lá diz o aphorismo popular : *o que o bërço dá a tumba o leva . . .*

Não negam que o sanatorio seja um excelente meio de tratamento, mas não o consideram nem admittem como instrumento de prophylaxia e muito menos de prophylaxia social. Isto é d'uma evidencia palpavel. Pois não será preferivel atacar a tuberculose nas suas causas, a combatel-a nas suas manifestações, contentando-nos em hospitalizar os doentes num sanatorio? Certamente que sim. O que sabemos hoje sobre a etiologia da tuberculose permite-nos dizer que, na génese d'esta affecção, o enfraquecimento momentaneo ou permanente do individuo pelo meio em que vive, desempenha um papel muito mais consideravel que o seu encontro accidental com o bacillo tuberculoso. É essa a razão pela qual a tuberculose faz tantas victimas nos meios operarios e, d'um modo geral, entre todos aquelles para os quaes a lucta pela existencia se apresenta em condições particularmente penosas. Mas reportemo-nos, por agora, á analyse das estatisticas dos sanatorios populares allemães que são sufficientemente significativas para dispensarem qual-quer commentario.

Quasi todas essas estatisticas dão, como proporção de curas economicas, a cifra de 80 por 100, o que quer dizer que, sobre 100 operarios que entram no sanatorio, 80 abandonam-no ao fim de 3 mezes com acquisição ou volta completa ou incompleta da capacidade de trabalho. Onde essas estatisticas differem é quando se trata de estabelecer a *duração* d'esta cura economica, isto é, o tempo durante o qual persiste a cura obtida.

Assim a estatística do sanatório de Grabowsee e a de Gorbersdorf, que reunimos no mesmo quadro, dão-nos as cifras seguintes:

Doentes tratados no anno	Possuem ainda uma capacidade de trabalho em 1900	
	Grabowsee por 100	Gorbersdorf por 100
1895	—	48,3
1896	45,6	40,8
1897	47,2	61,1
1898	58,9	64,1
1899	59,6	76,9

A estatística fornecida pelos sanatórios populares sob a dependência da Administração hanseática de seguros, dá as indicações seguintes:

Sobre 100 doentes que abandonaram o sanatório ha	Morreram	Guardam uma capacidade conveniente de trabalho
1 a 2 annos	7,86	67,23
2 » 3 »	15,86	63,93
3 » 4 »	16,52	68,97
4 » 5 »	22,75	68,29
5 » 6 »	41,18	43,48
6 » 7 »	51,80	26,28

Mas, para fazermos uma ideia mais exacta da sobrevivencia do tuberculoso economicamente curado, é preferivel lançarmos mão das estatísticas de conjuncto publicadas pela Administração imperial de saúde.

Fornecem-nos as seguintes indicações: sobre 100 doentes que abandonaram o sanatório em

1897 com uma capacidade restabelecida de trabalho, este resultado durava ainda :

Em 61 em 1897
 » 43 » 1898
 » 29 » 1899
 » 28 » 1900

Accrescentemos que sobre os 100 tuberculosos que abandonaram o sanatorio em 1897, uma nova cura foi considerada necessaria :

Em 9 em 1898
 » 15 » 1899
 » 16 » 1900

De modo que, apesar d'uma nova cura, sobre os 100 tuberculosos economicamente curados num sanatorio, não se encontram, ao fim de 4 annos, mais que 28 validos, tendo os restantes succumbido nesta epocha, ou tendo deixado de trabalhar em virtude da sua tuberculose avançada.

M. Savoire julga que o sanatorio dá 5 a 18 p. 100 de curas definitivas. ¹

Ter-se-ia podido suppor que a frequencia do desaparecimento dos bacillos dos escarros poderia servir de criterio decisivo.

Ora, pelo que respeita a este desaparecimento, as estatisticas allemãs são das mais contraditorias. É assim que este desaparecimento dos bacillos é constatado em 4 p. 100 de casos nos doentes do sanatorio Sonnemburg, em 8 p.

¹ *Bul. med.*, n.ºs 87-102, 1902.

100 no de Carolagrün, em 13 p. 100 no de Rupertshain, em 27,3 p. 100 no de Belzig, em 37,4 p. 100 em Sulzhayn, em 45,9 p. 100 em Engelthal.

Portanto deveremos procurar noutra parte os elementos de apreciação; e, sob este ponto de vista, De la Camp publicou uma estatística eminentemente suggestiva e talvez unica que nos pôde servir no caso presente. Essa estatística é relativa aos tuberculosos que tendo sido tratados no *Hospital geral de Hamburgo*, fôram vigiados durante alguns annos.

Ora esta estatística diz-nos que, sobre 100 tuberculosos que abandonaram o Hospital melhorados, depois de quatro semanas de tratamento, morreram :

22,5	p. 100	ao fim de 1 a 2	annos	
44,8	»	»	»	» 2 a 3 »
62,0	»	»	»	» 3 a 4 »
71,9	»	»	»	» 4 a 5 »
72,1	»	»	»	» 5 a 6 »
76,8	»	»	»	» 6 a 7 »
76,6	»	»	»	» 7 a 8 »

Esta estatística que nos dá cerca de 30 por 100 de sobreviventes ao fim de 5 annos nos tuberculosos tratados no *hospital*, permite avaliar muito approximadamente em 20 p. 100 o rendimento do sanatorio relativamente ás curas de longa duração. ¹

Podemos afoitamente, em face d'estes nune-

¹ Vid *Revue Scientifique* de Fevereiro de 1903, art. de M. Roma.

ros tão expressivos, chegar sem difficuldade á conclusão de que os sanatorios populares não satisfazem, de nenhuma fórma, ao fim para que fôram creados, pois que o operario não só, muitas vezes, sae tuberculoso do sanatorio, mas, muitas tambem e pelo facto de se encontrar de novo mergulhado no antigo meio, volta tuberculoso para lá, em busca de nova cura, como se vê pelas estatisticas citadas. Com effeito, que valôr prophylatico podem ter 10, 20, ou 30 sanatorios populares no nosso meio (o que é impossivel) se os doentes que nelles se houvessem de recolher teriam de se defrontar, depois de melhorados ou curados, com as mesmas causas productoras da doença? Nem quero referir-me ás formidaveis despesas que acarretaria a criação de sanatorios para tuberculosos pobres, despesas que desafiam as fortunas mais collossaes e mais phantasticas! Bastará dizer que, em França, sendo necessario hospitalizar pelo menos 300:000 tuberculosos, a despeza total com a construcção dos sanatorios indispensaveis orçaria pela enorme somma de trezentos e sessenta mil contos, com uma despeza annual de sessenta e cinco mil e quinhentos contos!

«O seu papel puramente palliativo, diz o Dr. Cheinisse, parece verdadeiramente insufficiente para justificar os sacrificios que exige.»¹»

E ha, entre nós, muitos *thaumaturgos d'encommenda*, que se propoem resolver um proble-

¹ *La Semaine Med.* de 18 d'Out. de 1905.

ma d'esta magnitude com um punhado de pintos, como se estes fossem susceptiveis de se multiplicar como os pães e os peixes da Biblia! E mesmo assim . . .

Assentemos, pois, em que os sanatorios, preconizados como meio de fazer a chamada «cura d'ar», tambem em pouco ou nada aproveitariam aos nossos operarios como elemento prophylatico collectivo, ou mesmo como simples elemento da lucta anti-tuberculosa. ¹

Portanto, resta-nos apreciar o 4.º termo do 2.º membro da equação com que representamos o tratamento da tuberculose pulmonar, ou seja a cura de

Repouso

Em poucas palavras: impor descanso a um operario tuberculoso é o mesmo que condemnal-o a morrer de fome; mas, obrigar-o a trabalhar, será abreviar-lhe os dias da vida. De modo que, quer trabalhando, quer descansando, é sempre um condemnado á morte, num caso pela doença e no outro pela fome, a peor de todas ellas. *Quid inde?* como dizem os theologos.

É impossivel separar o termo — repouso — dos tres outros termos — medicação, alimentação e ar — visto que, qualquer d'elles, considerado isoladamente, não tem valôr. De modo que, em

¹ Vid. *Rev. Scientifique*, log. cit.

ultima analyse, a formula — *Trat. T. P. = Medic. + Aliment. + Ar + Rep.* — não é mais do que uma equação a 3 incognitas, desprezando o termo — *Medicação* — que, como fica dito, exerce uma função muito secundaria na equação.

*

* *

Comó meios de lucta anti-tuberculosa, ainda deveria fazer uma referencia aos nossos «*Dispensarios*» e á «*Assistencia nacional aos tuberculosos.*» Não perco tempo com divagações a tal respeito, visto eu considerar todos esses estabelecimentos como outros tantos meios de manter a miseria nacional, que não de a debelar. ¹ São, como lhes chamam M. M. Courtois-Suffit e Laubry, *dispensarios-réclame* que, sob o falso aspecto de obras humanitarias, apenas podem ser considerados como *centros de competições e de interesses.* ²

*

* *

¹ Só hoje (23 de Outubro) e aconselhado pelo Prof. Souza Junior pude ler os dous artigos publicados em *La Semaine Médicale* pelo Dr. Cheinisse a proposito da *lucta contra a tuberculose* e dos *congressos internacionaes da tuberculose*. Pela rápida leitura d'esses artigos constatei que as ideias professadas pelo auctor, concordam com as expendidas no meu trabalho.

² *La Semaine Médicale*, Dr. L. Chein., *La lutte contre la tuberculose*, 18 d'Outub. 1905.

Retrocedamos, agora, um pouco.

Tendo eu provado que o contagio é um factor secundario na etiologia da tuberculose, e dando como demonstrado que o nosso operario não se encontra em condições economicas e sociaes que lhe permittam obtemperar ás prescripções medicas anti-bacillares, vem a pello investigar se não será a inferioridade organica derivada d'essas condições a causa primordial da grande obitualidade pela tuberculose. Se provar a verdade d'esta proposição, terei consequentemente posto em evidencia o x do enigma, que constitue a parte mais nebulosa do meu trabalho.

*

* *

Examinando as estatisticas publicadas na França, Allemanha e Austria, demonstra-se que, na sociedade actual, a tuberculose é função da situação economica e social do individuo. É assim que em Paris a mortalidade pela tuberculose differe segundo se trata d'um bairro pobre ou d'um bairro rico. Na carta traçada por M. Brouardel, vê-se, por exemplo, que esta mortalidade (por 10:000) attinge as cifras de 104 (Plaisance) de 85 (Père-Lachaise) de 81,4 (Combet) de 78,4 (Necker), para os bairros de população operaria, e decahe em 10,8 (Campos Elysios), ou em 17,7 (Europe) ou em 19,8 (Arrabalde du Roule), nos bairros habitados por gente rica.

Em Nancy uma estatística de M. Loyniés faz-nos conhecer uma rua rica, a rua de S. Jean, que paga á tuberculose um tributo de 19,56 por 10:000, ao passo que a Rua Colodion, rua pobre, fornece uma mortalidade de 114 por 10:000. Em Vienna (Austria) M. Philipovitch encontra uma mortalidade pela tuberculose de 11,6 por 10:000 nos bairros abastados; nos bairros operarios esta mortalidade sóbe a 35 por 10:000.

Encontra-se a mesma proporção nas estatísticas publicadas por Rathes e que dizem respeito a Hamburgo, Francfort e Munich.

Em Lisboa, segundo os graphicos apresentados pelo dr. Antonio d'Azevedo no primeiro Congresso contra a tuberculose, são as freguezias de S.^{to} Estevão e S. Miguel, isto é, o bairro d'Alfama, as mais atacadas. Nas freguezias da *Baixa*, onde o numero de *pobres* é muito menor, tambem a mortalidade é mais pequena. Na freguezia da Magdalena, a mais alliviada de todas, pode dizer-se que não ha pobres.

No Porto as estatísticas da obitualidade pela tuberculose pulmonar desde 1896 a 1900 dizem-nos que as freguezias onde a população se encontra mais accumulada e mais miseravel, são as mais feridas pela doença.

Assim, as taxas medias da mortalidade para 1:000 habitantes, são representadas pelos seguintes numeros, muito significativos:

Freguezias	Taxa media para 1000 habitantes
Sé	4,84
Victoria	4,56
Bomfim	3,91
Paranhos.	3,59
S.to Ildefonso	3,57
S. Nicolau	3,55, etc.

É de notar que, em algumas d'estas freguezias, ha factores (cadeia, asylos, etc.) que concorrem para o augmento do contingente tuberculoso manifestado nas estatisticas. Todavia fica sempre, como um facto indestructivel, a relação existente entre a miseria e a densidade da população d'um lado, e a obitualidade pela tuberculose do outro.

As freguezias menos atacadas são Villariinha (?) Miragaya, Campanhã, Foz, etc., respectivamente representadas no graphico que tenho á vista, pelos numeros — 1,25, — 2,19, — 2,46, — e 2,74.¹

Não menos explicita e frisante no que toca ao papel etiologico da miseria é a estatistica de M. Gebhardt: Em Hamburgo, em 10:000 contribuintes, encontra-se uma mortalidade pela tuberculose de 10,7 naquelles cujo rendimento excede 3:500 marcos, e uma mortalidade de 39,3 quando este rendimento é de 900 a 1:200 marcos. Este

¹ Só hoje (23 de Outubro) pude conseguir do ex.^{mo} snr. dr. Joaquim Urbano os numeros que ahi ficam.

Aqui lhe deixo testemunhado o meu agradecimento pela sua fidalga amabilidade.

facto encontra-se em outras cidades allemãs, o que leva M. Gebhardt a affirmar que dos 112:000 individuos que todos os annos morrem de tuberculose na Allemanha, 80:000, pelo menos, pertencem ao numero dos que ganham menos de 2:000 marcos por anno.

Mas a miseria é uma synthese que póde ser decomposta nos seus elementos constitutivos: habitação, alimentação, etc.

Pelo que respeita á habitação, são bastante elucidativos os dados estatisticos colhidos por M. Bertillon que nos diz que ha nas cidades e em Paris casas hyperpovoadas em condições extraordinarias; assim, mostra-nos 80:000 alojamentos parisienses accumulados, servindo d'abrigo a uma população de 364:000 individuos, e, em Paris, 50:321 alojamentos d'uma só peça, habitados por 178:000 pessoas! Numa estatistica mais antiga (anterior a 1903) o mesmo Bertillon mostra que, em Paris, de 315:000 quartos unicos habitados por 505:000 locatarios, encontram-se 11:000 que servem d'abrigo a 6, a 10 pessoas e mais. M. Loyniés escolhe, ao acaso, em Nancy, 62 casaes pobres que habitam um aposento composto d'um só quarto.

D'estes 62 casaes, 8 compoem-se de 2 pessoas, 7 de 3, 4 de 4, 6 de 5 e 3 de 6 pessoas. Uma estatistica de Heitor Diniz diz-nos que, em Bruxellas, de 100 casaes, 48 vivem num só aposento, quarto, adega ou mansarda.

De 36:747 casaes d'operarios belgas, Diniz encontra 13:733 (com um total de mais de

50:000 pessoas) que occupam somente um unico quarto.

Ora a influencia do alojamento sobre a mortalidade tuberculosa foi posta em evidencia pelas constatações feitas no *Casier sanitaire* das casas de Paris.

Em face d'elle vê-se que ha em Paris casas cuja estatistica obituarial é, sob este ponto de vista, realmente espantosa. Dez d'estas casas, comportando uma população total de 967 habitantes, forneceram, em 10 annos, 213 obitos por tuberculose. Principalmente em uma d'ellas situada numa rua estreita com um pateo de 8 metros quadrados, sobre uma população de 60 habitantes, houve, em 10 annos, 36 obitos por tuberculose.

Nessa casa a superficie adstricta a cada habitante é de 7,^{m2}70; mas deduzindo $\frac{1}{5}$ para corredores, partes communs, escadas, sentinas, etc., pertence a cada habitante uma superficie real de 6,^{m2}20, na qual devem ainda entrar o leito, uma cadeira, roupas, etc..

L. Renon faz notar, com muita razão, que esta casa de 60 habitantes que, em 10 annos, conta 36 obitos por tuberculose, matou provavelmente, um numero maior dos seus habitantes, porque, sendo a tuberculose uma doença de declaração facultativa e não obrigatoria, muitos casos de tuberculose deixaram, talvez, de ser declarados, representando, portanto, estes 36 obitos um numero strictamente minimo. Por outro lado, como muitos tuberculosos vão morrer ao seu paiz,

á sua aldeia, estas casas podem abrigar muitos d'elles que não venham indicados no *Casier*.¹

Á falta de estatisticas pelas quaes possamos apreciar o que se passa entre nós, podemos, comtudo, concluir, sem injuria, que em as nossas cidades, villas e aldeias, a habitação dos nossos operarios está ao mesmo nivel que as francezas e belgas e as de quaesquer outros paizes similares.

Todavia, para aquellas *boas almas* que porventura hajam de duvidar das minhas affirmações, aqui lhes apresento um horrivel quadro de miseria, descripto pela penna da sr.^a D. Maria Amelia de Souza Larcher, que foi regente do Conservatorio e é hoje directora da Casa de Correção das raparigas abandonadas de Lisboa.

«Nunca imaginei, que se pudesse morrer e viver, como se vive e morre no bairro de Alfama.

«Ninguem se atreve a entrar nestas casas: mas eu entro cheia de dó por tantas dôres. Só vou citar apenas alguns exemplos. Quem nunca passou pela Alfama não póde saber bem o que são aquellas ruas e becos muito estreitos onde vivem homens, mulheres e creanças, tudo como que amontoado e apartado de todas as condições hygienicas.

«Fez-me impressão vêr em vãos d'escadas sem ar e sem luz, familias inteiras. Exemplo: num vão d'escada encontrei marido e mulher já tuberculosos e tres creanças, sendo uma de peito.

¹ L. Renon, obr. cit. pag. 397 e seg.

«A cama d'esses infelizes eram uns trapos. Mais adiante, num quarto, uma velhinha com um filho idiota e uma filha tuberculosa. Outra, num quarto pequenó, dormindo na mesma cama mãe e duas filhas, uma de 18 annos que morria de tuberculose d'ali a um mez e a outra de 15 que teve o mesmo fim. E assim muitas e muitas familias. Tenho entrado em becos, onde ha escadas que se sobem com sacrificio, immundas e mal cheirosas. Sobem-se e vê-se quartos cheios de gente, sem ar, falhos de luz. Vivem ali desgraçados, cheios de fome e sem fatos para se agasalharem, dormindo a maior parte no chão.»¹

É esta a habitação do nosso operario, do nosso semelhante! É esta a miseria authentica que os esmaga, ali ao lado do Paço realengo dos nossos «Anjos d'azas brancas e azues . . .»

Nestas habitações super-povoadas, a quantidade d'ar de que dispõe cada individuo está reduzida a 2, a 4 e, quando muito, a 6 metros cubicos.

Ora esta cubagem é de 22 nas prisões modernas, e de 12 a 15 nos albergues nocturnos!

Se ajuntarmos ainda que na pequena industria, na industria caseira, os aposentos d'habitação servem ao mesmo tempo de officina, podemos fazer uma ideia do ar que ali se respira.

Será necessario frisarmos que, ao lado das habitações hyper-povoadas, ha as habitações in-

¹ *Diario de Noticias*, de Lisboa, de 16 de Outubro de 1905.

salubres de paredes sujas e negras, de soalhos carcomidos que desconhecem, em absoluto, os benefícios d'uma lavagem, ao menos annual, casebres onde tudo se faz, onde se misturam as emanções do lixo com o cheiro acre da cozinha e o das dejecções feitas em qualquer canto pela creançada friorenta, esfarrapada e immunda?

* * *

Concernentemente á alimentação, todos nós sabemos, por experiencia propria, o preço excessivo dos generos de primeira necessidade em perfeito desiquilibrio com os salarios das classes trabalhadoras, que são naturalmente levadas á compra de generos de inferior qualidade ou a uma redução forçada no orçamento alimentar o que, em qualquer dos casos, traz, como consequencia, uma alimentação ou prejudicial ou insufficiente e, as mais das vezes, uma e outra cousa.

Demais, a falsificação dos generos de consumo é uma verdade axiomática que ainda ha bem pouco tempo foi posta em triste evidencia pelos negociantes de farinhas, de consciencia bastante elasticamente, para poderem sentir algum rebate de consciencia (?) ao cambiarem os productos venenosos do seu commercio criminoso e infame pelos miseraveis *cobres* do operario exausto de trabalho, faminto e doente!

E o que se dá e continua a dar-se com o

commercio da panificação, dá-se, egualmente, com qualquer ramo de commercio e, principalmente, com o alto commercio onde os ladrões e traficantes mais abundam, por isso que, salvaguardados pela posição social que lhes dá o dinheiro, mais facilmente e mais impunemente podem intoxicar o povo, o nosso povo, sempre bom, ingenuo e confiante.

«Muita gente imagina, mas sem razão, observa Spencer, que, d'entre os negociantes, somente os de classe inferior é que commettem fraudes. Mas a verdade é que as classes superiores também soffrem da mesma pécha.

«Às classes superiores dos nossos negociantes podem imputar-se realmente praticas illicitas de toda a especie, de toda a forma, desde a fraude desculpavel até ao verdadeiro roubo.

«Trapaças sem conta, mentira nos actos e nas palavras, fraudes de ha muito preparadas, eis o que se encontra por toda a parte. Algumas d'estas fórmulas de fraude são elevadas á cathedra de instituições debaixo da designação de *costumes commerciaes*, e o peor ainda é que ha quem como taes os advogue.» ¹

— Quem não póde, trapaceia — é um aphorismo do nosso povo, quasi sempre justo e rigoroso nos seus conceitos, e que pode applicar-se, com razão, ao caso presente.

«Temos fallado com pessoas de diversos

¹ Spencer. *Essais sur le progrès*, vol. 1, cap. v. pag. 195 e seg.

misteres e condições, naturalmente conscienciosas e visivelmente indignadas pelos prejuizos soffridos,¹ e não ha entre ellas mais do que estas vozes: todas affirmam e confessam tristemente que é impossivel negociar com perfeita lisura e rectidão.»

Tudo se falsifica entre nós: o pão, o vinho, o azeite, o leite, o assucar, a manteiga, etc., etc., de tal sorte que, á miseria do operario immediatamente derivada da exiguidade de salarios, accresce, ainda, a miseria organica em relação com os generos falsificados que é obrigado a consumir.

Alimentação reduzida á sua expressão mais simples e, assim mesmo, falseada nos seus elementos nutritivos, que mais será preciso para levar um organismo animal a uma ruina certa e fatal?

«A saude dos pobres, diz o dr. Villermé, é sempre precaria, o organismo menos desenvolvido e a mortalidade excessiva em relação ao desenvolvimento do corpo, á saude e á mortalidade das pessoas favorecidas da fortuna.»

O dr. Drysdale calculou que em França e nas classes abastadas, as pessoas de 40 a 45 annos morrem na razão de 8,3 por mil, e nas classes pobres de 18,2.

¹ O auctor refere-se aos negociantes que, muito honrados e honestos, não deixando a consciencia á porta do estabelecimento e recusando-se ás fraudes seguidas pelos collegas no mesmo ramo de commercio, se vêem obrigados a fallir — Vid. obr. cit., pag. 219-221.

Em Paris, escreve Carlos Gide, a mortalidade annual é de 2,85 % nas classes pobres e de 1,58 % nas classes abastadas; o que quer dizer que na *Ville Lumière* a duração media da vida dos pobres é de 35 annos, ao passo que a dos ricos é de 54 annos. A conclusão, diz Deschamps, é esta: a *riqueza* protege a vida, e a *miseria* mata. ¹

Não menos significativos são os numeros relativos á obitualidade das creanças filhas d'operarios votadas pela miseria ao abandono e á morte.

Em Moulhouse, segundo os calculos de Villerme, o filho d'um operario tecelão não vive mais de anno e meio, ao passo que o filho d'um empreiteiro vive vinte e seis annos. ²

Em Manchester, cuja população é, em grande parte, composta de operarios, de 1838 a 1884, sobre 21:152 creanças com menos de cinco annos, a mortalidade foi de 20:726, isto é, de mais de 97 por cento. ³

Em Bruxellas a mortalidade das creanças de menos de cinco annos é de 6% nas familias de operarios e domesticos.

Na Inglaterra a mortalidade das creanças com menos d'um anno e pertencentes ás classes

¹ Deschamps, *Le probleme de la santé*, «*Revue socialiste*.» Tom. xxv, pag. 53.

² Garnier, *Del principio d'ella popolazione* Capit. III, paragr. 2, cit. por A. Vaccaro, *La lotta per l'esistenza*, pag. 231.

³ Moreau de Yonnes, *Elementi di statistica*, Cap. x, id. id. pag. 231.

ricas, é de 20 %; nas da classe media de 44,4 %, e de 50 % nas classes pobres. ¹

«E, diz Vaccaro, d'onde respigo estes numeros, a má e insufficiente alimentação, o ar insalubre a pouca ou nenhuma limpeza nas roupas e no corpo, o frio, a humidade e a falta de cuidados alteram-lhes a saude, fazendo muitas vezes com que aquelle que deveria tornar-se um Hercules, fique reduzido a um rachitico monstrosinho.

«Infelizmente nas modernas nações civilizadas, emquanto o filho do rico nasce, como diz o poeta «*fra l'alito dei cedri e il suon dei carmi*» e é creado no meio de lãs e com os mais requintados extremos; o filho do pobre, pelo contrario, abre os olhos á existencia numa miseravel choupana sem ar nem luz, ao lado do porco e do burro, sendo logo condemnado a soffrer sob uns tristes andrajos e a lutar sem defesa contra a acção malefica dos agentes naturaes. E nem sempre pode contar com os cuidados ordinarios da mãe, a qual, obrigada a trabalhar para viver, muitas vezes se vê na impossibilidade de o amamentar e de prover ás mais urgentes necessidades de ambos.

«Ora esta enorme differença de tratamento faz com que o filho do rico, ainda que fraco e doente, sobreviva; ao passo que o filho do pobre, por melhores dotes que haja recebido da natureza para viver, succumbe mais ou menos prematuramente.» ²

¹ *Annales d'hygiene publique*, 1875, pag. 133, id. *ibid*.

² Ang. Vaccaro, *A lucta pela vida* pag. 230 e seg.

O doutor Bertillon confessa que em França todos os annos morrem sessenta mil rapazes com menos de nove annos, *devido á influencia da miseria*, e que outros sessenta mil, empregados nas fabricas, succumbem por exploração capitalista! ¹

Mas, nestes casos, trata-se de filhos que são creados junto dos paes; o que não acontecerá aos illegitimos e expostos?

«O numero das mortes prematuras, diz Bertillon, «é maximo ou minimo, segundo o meio physico ou social em que se vive» ²

«Ora, diz Vaccaro, a mãe d'um filho illegitimo na sociedade actual, quasi que não se acha em estado de o crear.

«Se ella pertence á classe póbree, faltam-lhe os meios; se faz parte da boa *societade*, então para não deixar de ser honrada ³ e para occultar a sua *falta* tem de o abandonar a estranhos, que bem poucos cuidados com elle terão.»

¹ Deschamps, obr. cit. pag. 46 e seg.

² *Dictionnaire encyclopedique des sciences médicales*, VOL. IX, palavra *Mortalité*, cit. por Vaccaro, obr. cit. pag. 232.

³ A pag. 149 do livro de *Matricula das creanças expostas, abandonadas e desvalidas* do Concelho de Braga, lê-se a seguinte nota appensa a um termo de matricula: «Deu entrada no dito hospicio em virtude do Officio n.º 8 de 27 de Março de 1903 do Administrador do Concelho em que dizia ser filha de uma pessoa de familia *honesta de pudor e vergonha* (!) causando graves desintelligencias caso se torne publico, segundo informação de... etc., etc.» De modo que esta *honesta* familia, para salvar a sua *pudor* e a sua *vergonha*, não encontrou meio melhor que o de abandonar a um hospicio d'expostos uma desventurada creança, *carne da sua carne!* Que *honestidade*, que *pudor* e que *vergonha!*...

Mas muito mais triste e miseravel é a situação em que se encontram as creanças abandonadas. A estatística prova que a mortalidade d'estas é tres vezes maior que a dos filhos legitimos. ¹

«Uma longa experiencia tem mostrado, escreve o doutor Mariolin, da Academia Franceza, que o abandono dos filhos é, na maior parte dos casos, uma consequencia da *miseria*.

«Aquelle que pela sua profissão é obrigado a conhecer os costumes da sociedade, e todos os soffrimentos phisicos e moraes que abrigam em seu seio as grandes cidades, esse será mais indulgente e não exporá decerto á indignação publica, como criminosa, a mãe que, no extremo da sua pobreza, preferiu separar-se do filho a vê-lo definharse lentamente e succumbir aos seus proprios olhos.» ²

Em Portugal, neste alegre rincão á beira mar plantado, é impossivel podermos calcular pela *miseria*, a mortalidade dos operarios e filhos d'operarios, porque, as unicas *estatisticas* que preoccupam e merecem a respeitavel attenção dos nossos nunca assás admirados dirigentes, são as do *recenseamento eleitoral* e, essas mesmas, tão falsas e viciosas como a mesmissima *politica* que as elabora...

Todavia, o que se passa na Belgica, França

¹ Bertillon obr. cit. pag. 754, Oesterlen, *Statistica medica*, pag. 200, cit. por Vacc, obr. cit, pag. 233.

² *Académie des sciences morales et politiques de la France*. Tom. x 1878, pag. 273-274, id. pag. 234.

e Inglaterra é o mesmo que se deve passar entre nós, visto os dados estatísticos por mim citados, terem um character de generalidade que ninguem lhes pode contestar. Se alguma differença houvesse, essa mesma seria contra nós, por muito que pése ao nosso ridiculo orgúlho de povo civilisado... á maneira da Turquia e de Marrocos.

Em conclusão: o *contagio* é regido por condições que dependem do terreno morbido do individuo, da sua alimentação, dos seus habitos de hygiene, da sua habitação num alojamento mais ou menos insalubre, etc., ou, o que vale o mesmo, o *contagio depende e é regido pela miseria*.

São, a meu ver, perfeitamente dispensaveis quaesquer outros elementos de prova que eu pudesse adduzir em favor da proposição que me propuzera demonstrar e que eu concretisei nas seguintes palavras: *a inferioridade organica derivada das más condições economicas e sóciaes do individuo é a causa primordial, capitalissima, da grande obitualidade pela tuberculose*.

Ora, se a tuberculose é função da situação economica e social do individuo, em boa logica, não podemos deixar de admittir que o problema tuberculoso só poderá encontrar uma solução cabal e perfeita desde que o problema social economico fôr resolvido. Isto não offerece duvida.

Mas quando e porque forma se libertará a Humanidade dos males que a consomem?

*

*

*

Quem se der ao paciente trabalho de ler e meditar os formidaveis protestos que os socialistas e anarchistas formulam contra a sociedade contemporanea, ver-se-ha obrigado a reconhecer a sua absoluta legitimidade e a confessar que, num futuro talvez não muito distante, a Humanidade, transformada num aglomerado de feras sedentas de sangue e roidas de fome, será levada a um d'aquelles cataclysmos que marcam epocha na Historia e cujo resultado final a ninguem é dado prever.

A pacificação do mundo proletario jámais poderá realizar-se enquanto os mais illustres sociologos modernos lhe bradarem: a Terra longe de ser avara nos seus productos como a burguezia endinheirada o proclama, é, pelo contrario, excessivamente prodiga de molde a consentir que todos possaes occupar um logar no grande banquete da vida!

E esta affirmação cathgorica, baseada na logica irrespondivel dos numeros, ¹ faz avolumar de dia para dia a já immensa phalange dos descontentes, dos revoltados, dos que clamam, indignados, contra o vampirismo d'aquelles que os

¹ Vid. S. Faure, *Adôr universal*, tom. 1.^o, pag. 94-100, a estatistica relativa á producção da terra e ás necessidades dos seus habitantes, estatistica attribuida ao sabio geographo É. Reclus, ha pouco fallecido. D'ella se conclue que a terra, accusada de sordida e avara, produz *duas vezes mais* do que é necessario para que a vida de todos fique assegurada.

P. Kropotkine, *Campós, fabricas e officinas* Cap. III, IV e V pag. 47 — 133 ediç. hespanh.

obrigam a rebentar de fôme ao lado dos que estoiram de indigestão, de fartura e gôzo.

Minados por um soffrimento atrôz, como bestas de carga sob o azorrague infamante de exploradores sem consciencia e sem alma, ouvem confiados e cheios de esperança os anathemas sangrentos que os seus apóstolos fulminam contra todos os que lhes sugam o suor e o sangue e esperam, anciadamente, a aurora longinqua d'uma nova Redempção que os resgate das garras rapaces d'um capitalismo oppressor, insaciavel, absorvente.

Não serei eu quem negue justiça e razão aos famintos, aos miseraveis, aos sem camiza; mas revolto-me contra os processos preconizados como meio de consecução do bem estar geral, d'um nivelamento economico consentaneo com as necessidades de cada um.

Sobre serem absurdos e utopicos os meios de remodelação social aconselhados nas suas obras de propaganda revolucionaria, são odiosos, repugnantes e immoraes.

Uma infamia nunca pode desculpar, nem deve servir de sanção a outra infamia.

Partindo do principio paradoxal de que — *toda a propriedade é um roubo*¹ incitam a grande massa anonima dos trabalhadores, constituida

¹ Vid. P. J. Proudhon — *O que é a propriedade?*, cap. 1 e cap. v, 2.º *Caracteres da comunidade e da propriedade*, pag. 225 da edic. hespanh.

P. Kropotkine — *A conquista do pão*, cap. 1, *As nossas riquezas*.

na sua generalidade, por ignorantes e inconscientes, á pilhagem, ao assassinato, ao incendio, á destruição de tudo o que existe na ordem moral, jurídica e economica.

«Mulheres, velhos e creanças, todos devem ser afogados em sangue . . .

«Degolaremos os que encontrarmos com as armas na mão, atiraremos pela janellas ou afogaremos no mar os velhos, as mulheres e as creanças» .

«Entre o *bom revolucionario* e a sociedade a guerra deve ser de mórte . . . Elle deve estar preparado para matar por suas proprias mãos quem quer que ponha obstaculos á revolução.» ¹

Taes são os bons desejos manifestados pelos anarchistas, venerandos pré-gadores da solidariedade humana, do amôr universal, da paz e da harmonia entre os homens.

Os *mandamentos* socialistas resumem a mesma innocencia de processos, a mesma mansidão de preceitos e doutrinas :

«Os revolucionarios simplesmente se deverão preocupar com uma cousa, a efficacia das suas armas, *sem se preocuparem com a sua natureza.*

«Ser-lhes-ha necessario, evidentemente, a fim de se assegurarem as probabilidades da victoria, não serem inferiores aos seus adversarios e, por consequencia, *utilisar todos os recursos que a sciencia pôe ao alcance dos que teem alguma cousa a*

¹ Vid. R. Garofalo, *A superstição socialista*. pag. 249; Carlos Malato, *Philosophia do Anarchismo*, pag. 57, ediç. hespanh.

destruir» (quer dizer, a dynamite e toda a sorte de explosivos).

«Ver-se-ha se o aldeão não comprehende a linguagem empregada, e se o seu egoismo satisfeito na larga medida que eu venho de indicar, não assiste impassivel á expropriação dos grandes proprietarios, e mesmo a alguma cousa mais para os casos em que estes tiverem a desastrada velleidade de recalcitrar.»¹

É d'esta natureza a peçonha que os pamphletarios da revolução d'amanhã levam ao coração dos proletarios já de si irasciveis e revoltados pela situação angustiosa em que se encontram.

Ha corações compassivos, almas generosas, que concorrem, na medida das suas fôrças, para a minoração do soffrimento alheio? Cahem sob a alçada da doutrinaria accusação: «D'essas creaturas que um dia viriam a revoltar-se, fazéis resignados! Pura traição, pura tarefa anti-socialista!» Ou então: «Sustentamos que o Estado moderno depende, como a religião, da ignorancia, e por isso o combatemos.

«Á immensa multidão dos que choram, dizemos: cessae as lamentações e as lagrimas, desprezae a caridade e a beneficencia, formas criminosas e hypocritas, que a sociedade moderna adoptou

¹ Vid. Karl Marx, *Le capital*, Aperçu sur le Socialisme scientifique, pag. 54-63, assignado por G. Deville. (No ponto de vista da acção os socialistas e anarchistas confundem-se. Basta ler uns e outros). Vid. J. Grave. *A sociedade futura*, tom. II, pag 51, ediç. hespanh.

para vos conservar adormecidos; erguei-vos e proclamai-vos homens.»¹

É assim que, de homens honestos e pacificos, se fazem sêres criminosos com todas as tendencias regressivas da féra, com todos os cegos instinctos de lóbos damnados; haja vista o infame attentado da Rambla de Barcelona ha dias perpetrado pelos taes fanaticos da Liberdade, da Justiça e do Amor.

Mas se eu repudio com toda a energia do meu cerebro esta espantosa doutrina de incitamento ao crime, outrosim me repugnam, por não menos criminosas, subversivas e bestialmente crueis, as objurgatorias d'alguns pseudo-prophetas da sciencia contemporanea.

*

* *

Quando o pastor protestante Malthus, observando o rapido crescimento da população na Inglaterra e em outros paizes e a lenta multiplicação das subsistencias, estabeleceu a celebre lei em virtude da qual a população cresce numa razão geometrica e os fructos da terra numa razão arithmetica, esqueceu-se, como nota Garofalo, de que os factos que o impressionaram e dos quaes induziu uma lei universal, «poderiam ser transitorios e effeitos de circumstancias locaes e especiaes».

Por essa lei tão barbara como inexacta, são

¹ Vid. R. Garofalo, obr, cit., pag. 128-130.

excluídos do convívio social todos os rôtos, todos os famintos, todos os pobres.

«Um homem que nasce num mundo já occupado, se a sua família não tem meios de proporcionar-lhe o sustento, ou se a sociedade não o necessita, não tem o menor direito a reclamar nada, está de mais na terra.

«No grande banquete da natureza não ha lugar para elle. A natureza ordena-lhe que se afaste e não tarda a pôr em execução este mandato.

«Quando a natureza se encarrega de governar e castigar, seria uma ambição ridicula pretender arrancar-lhe o sceptro das mãos. Este homem deve, pois, soffrer o castigo a que, por sua indigencia, o condemna a sociedade.

«É preciso fazer-lhe comprehender que as leis da natureza o condemnam, assim como á sua família, aos soffrimentos e que, se não morrem de fome, sómente o devem ao compassivo bemfeitor que, soccorrendo-os, desobedece ás leis naturaes.» ¹

Quem por esta fórma seleccionava tão misericordiosamente os estomagos dos seus semelhantes deveria ter um dedo especial para arrebanhar almas para o céu, como bom pastor e *homem de bem* que foi, segundo affirma um' anarchista insuspeito. ²

¹ Malthus, *Ensaio sobre o principio da população*, cit. por J. Grave, *A sociedade futura*, tom. 1.º pag. 24, P. Kropotkine, *Camp. fabr. e offic.* pag. 90-95. (A relação entre a população e os meios de subsistencia foi notada antes de Malthus, por Ludovico Ricci, Giammaria Ortes e outros).

² E. Reclus, *Evolução e Revolução*, pag. 89, edic. hesp.

Compreende-se como as iníquas doutrinas de Malthus deveriam ter sido carinhosamente saudadas por todos os que viviam da exploração do proletariado, pois que nellas julgavam encontrar a justificação scientifica do seu egoismo, da sua supremacia social e economica.

Mais tarde a inexactidão d'essa *lei* foi demonstrada « e d'ella talvez hoje se pudessem, em relação a certos paizes, inverter os termos », como diz Garofalo. ¹

Todavia, d'essa lei provadamente falsa mas lentejoulada por uma sciencia immoral e hypocrita, derivaram os processos malthusianos, como meio impeditivo da fecundidade humana, que toda a consciencia honesta reputa como succedaneos do infanticidio e do crime d'aborto, não obstante a *sympathia* que taes processos merecem a homens aliás illustres no mundo scientifico.

Assim, Paulo Mantegazza, o eminente anthropologista, escreve:

« Tenho coração compassivo e creio pagar a minha divida de caridade aos naufragos da vida ; mas, cada vez que um mendigo me pede esmola e explica o seu abatimento physico e moral, dizendo-me: « *Tenho numerosa familia, tenho tantos filhos;* » sinto enjôo e quasi me sahe dos labios esta resposta :

« *E porque tens familia e filhos?* »

« E isto não é um insulto á miseria, nem uma brutalidade ; é a vóz da razão que, se fôsse ouvida

¹ Obr. cit. pag. 124.

na casa do póbre, bastaria para resolver o problema social. (!)

«Eu sou malthusiano impenitente e, até ao fim da vida, direi a todos os que luctam com a miseria:

«*Amae, mas não vos reproduzaes.*»

«Se portanto não sois malthusiano, nem quereis converter-vos a esta religião, nesse caso, e se não tendes colmo para construir o vosso ninho, não tomeis mulher e augmentae a gloriosa cifra dos cucos e animaes de rapina.» (!)¹

Não menos explicito é o sabio prôfessor da Universidade de Roma, Angelo Vaccaro:

«Um dos meios suggeridos para conseguir tão nobre fim (o de combater a miseria) é o de se pôrem *freios preventivos* ao augmento da população. Posto que similhante meio encontre poucas sympathias, nem por isso convem menos recommendal-o vivamente, sendo como é, um mal menor do que o do excesso da população. E apraznos constatar que, entre as nações civilisadas, a propaganda malthusiana vae fazendo progressos notaveis.

«Com effeito, na Inglaterra existe ha muitos annos a *Malthusian League*, na Horlanda a *Nieuw Malthusianische Bond*, na Allemanha o *Sozial Harmonische Verein*, e em França a *Ligue de la régénération humaine.*»²

Não ha motivo, por mais apertado que seja

¹ P. Manteg. *O problema do casamento*, pag. 106.

² A. Vacc. obr. cit. pag. 63.

o circulo que o circumscreva, que justifique o malthusianismo, ainda mesmo que não estivesse, como está, brilhantemente evidenciada a falsidade do principio sobre que assenta. ¹

As lagrimas que os pseudo-philantropos scientistas vertem sobre a pretensa avareza da terra, que elles, gratuitamente, transformam em gananciosa e egoista 'madrasta, são lagrimas de crocodilo que só poderão mover a uma resignação inconsciente as almas ingenuas, os cerebros ignorantes, faltos de luz.

Não faças filhos!, tal é a formula hedionda, a mézinha especifica que alguns *bemfeitores da humanidade* offerecem á sociedade contemporanea como meio preventivo da miseria e da fome!

Se não tens pão para ti e para os teus, fica solteiro, que a Sciencia, esta deusa immaculada da qual nós sômos oraculos fieis e severos ministros, aconselha e consente que tu possas compartilhar o casto leito de nossas esposas, de nossas filhas e irmãs!

Augmenta a gloriosa cifra dos cucos e das aves de rapina!!!

Isto não é serio, nem merece as honras d'uma refutação.

Se por um lado desejam libertar-se do perigo

¹ Não transcrevo, por extensa, a estatistica de E. Reclus que todos podem ler e apreciar em *A dôr universal*, de S. Faure, tom. 1 pag. 94-100, e á qual já me referi. Vid., tambem, Jean Grave, obr. cit., tom. 1.º, *A Revolução e o Darwinismo*, pag. 22-45; Kropótkine, *Camp. fabric. e offic.*, pag. 90-110; Reclus, obr. cit. pag. 84-99.

illusorio que a sua phantasia lhes faz ver num excesso de população, por outro lado provocam esse mesmo perigo, que tanto receiam, convidando, amavelmente, os que não devem ter mulher á fecundação da mulher do semelhante... É de commover um rochêdo este admiravel e desprendido «contentamento»!...

*

* *

Ha logar para todos, para todos absolutamente, no banquete da vida.

A que vem, pois, essa criminosa intransigencia em não querer conceder ás classes trabalhadoras um logar a que ellas teem direito?

«Para que essas irritantes e descabelladas censuras á burguezia desde que esta, movida por um rebate de consciencia, pede a intervenção do Estado a favor dos famintos?

«Não a vimos nós (á burguezia) na ultima grêve do Porto applaudir o procedimento do governador civil servindo de medianeiro entre os industriaes e os operarios, que abandonavam as fabricas numa insurreição contra a *tyrannia do capital*? Não a vimos nós, então, desorientada, amparar moral e materialmente os grêvistas e pedir ainda ao Estado, pela voz da sua imprensa, pão para os famintos?»¹

¹ Vid. Prologo do Dr. Julio de Mattos á *Superstição Socialista* de Garofalo.

Quereria o auctor d'estas linhas, que é, inquestionavelmente, um espirito superior, que o Estado mandasse fuzilar ou esmagar pelas patas dos cavallos da municipal essa multidão de mulheres e creanças de face livida e olhar febril que todos nós vimos *ajoelhadas na Praça de D. Pedro implorando de mãos postas protecção contra a miséria, contra a fome?!*

« Ignorante e vagamente *sentimental* (a burguezia).....,.....
é ella propria quem, *de coração leve*, appella para a intervenção do Estado em favor dos proletarios, sempre que uma crise de trabalho, *casual* ou voluntaria, os opprime.» ¹

Não ha que ver: é melhor eliminal-os. Poupa-se trabalho e livramo-nos de importunos...

As prepotencias e o egoismo do *capital* encontram a sua razão de ser, dizem, no darwinismo, lei fatal que tudo subjuga e abraça num amplexo inevitavel. « A concorrencia, que é a fórmula social da lei biologica da lucta pela vida, *creando, inevitavelmente, pela selecção dos melhores*, uma aristocracia trabalhadora, que os afasta e que os esquece, é o espectro d'essa *escumalha*. » ²

O illustre medico parece esquecer que os braços d'essa *escumalha*, são os que arroteiam os campos que nos alimentam, os que fabricam os tecidos que nos vestem, os que constroem os

¹ Id. ibid. (O grifo é meu).

² Id. ibid. (Continua a ser meu o grifo).

nossos palacios e as nossas cabanas, as estradas e as vias ferreas, o simples arado e a moderna machina d'industria, os que extrahem do seio da terra o carvão que nos aquece e põe em movimento as nossas fabricas, etc., etc. Bem sei que o operario nada, ou quasi nada, pôde fazer sem o auxilio d'um espirito superior que o oriente e o guie ; mas, tambem este, pouco poderá conseguir sem os braços d'aquelle. Completam-se, necessitam-se, mutuamente. A falta de um, implica a morte do outro.

Mas será verdade que, na lucta pela vida, essa lei biologica *conceda a victoria aos melhores ou mais adaptados* ?

Não me soffre o animo deixar de transcrever o que a tal proposito nos diz Vaccaro, uma das mais poderosas individualidades da sciencia italiana :

« Quem por um pouco examinar a vida das pessoas suas conhecidas, escriptores, cathedra-ticos, profissionaes, politicos, empregados, banqueiros, empresarios . . . a pesar seu, se verá obrigado a concluir que, em regra, os mediocres, os de consciencia elastica, os mais finos, os menos escrupulosos, os charlatães, os aduladores, os mettediços, os demagogos, os amotinadores, são os que enriquecem, que sobem, e que apesar da sua immoralidade, são geralmente respeitados e admirados. Os que, pelo contrario, procedem com delicadeza, com modestia, com dignidade e rectidão, esses vivem na pobreza, e são, de ordinario, desprezados e escarnecidos, visto como foi sem-

pre o successo a regra e a norma dos juizos dos homens. No entanto, e apesar de não haver ninguém que ignore tudo isto, por uma d'aquellas mentiras convencionaes que são a mais apurada expressão da hypocrisia dos homens, não se ouve outra cousa, no meio d'esta nossa sociedade, senão prégar honradez e virtude, fazendo-se inteiramente o contrario. Os mais infames, os mais velhacos, são justamente os que mais gritam e se mostram inexoraveis não só para com os simples e incautos, que em vez de se escaparem habitualmente á acção do Codigo penal, se deixam cahir dentro d'ella, como tambem para com os que não souberam esconder as suas faltas, e se deixaram apanhar com a bocca na botija.»

Iria apostar que o illustre prof. romano talhou esta carapuça para os meus respeitabilissimos concidadãos! Merece bem a pena ouvi-lo ainda:

«Lançaes os olhos para todas as partes, e depois dizei-me se é o talento e a probidade, ou, pelo contrario, se é a fraude, a intrugice, a intriga, a hypocrisia, a mentira, a vileza, a perfidia, o favoritismo, todas as paixões mais torpes, todos os meios mais degradantes que triumpham.

«É esta a sociedade actual.

«Os hypocritas, os homens de negocios, os especuladores dirão na boa fé de quem quer que seja, que são demasiadamente carregadas as côres d'este quadro; mas eu tenho a mais inabalavel e sincera convicção, fundada numa longa e

constante experiencia, de que na nossa sociedade as coisas são muito peores ainda do que tudo quanto fica descripto.

«Somos admiradores cegos dos que estão em cima, embora sem o merecerem, dos que andam de carruagem, dos que teem palacios sumptuosos e vivem luxuosamente sob todas as formas, dos que sabem lançar poeira nos olhos dos outros, mas desprezamos cobardemente os que vivem pobres e obscuros, quaesquer que sejam as suas virtudes.

«Muito honrados nos julgamos com o cumprimento que nos faça um usurario, um empreiteiro que roubou, um negociante que falliu fraudulentamente, e quejandos personagens que possuem cavallos, palacios, criados, dinheiro em fim, que roubaram e vão gastando e espalhando ás mãos cheias. E é com esta nossa admiração que vamos animando os tratantes e desvergonhados, e desanimando os honrados e virtuosos.»

«De tudo que fica exposto resulta que, nos actuaes paizes civilizados, *não são os melhores*, physica, intellectual e moralmente os que, de preferencia, vivem e prosperam; e muito se enganam aquelles que, sem terem perfeito conhecimento do modo como as leis de Darwin funcionam na sociedade humana, admittem o contrario *a priori*.»¹

Muitissimo bem observado!

¹ Vid. obr. cit. pag. 246-256.

Quem quer que me lêr e se não deixar estrangular pela colleira infamante dos falsos respeitos humanos, será levado a acceitar, sem reservas, estas durissimas verdades d'uma realidade tão nua, tão palpitante.

O nosso meio é isto, embora a tartufaria de casaca e os evangelisadores d'uma *élite social*,¹ que ninguem vê e ninguem conhece, sintam as candidas faces mordidas pelo rubor da indignação e da colera.

Mas onde está essa *élite* e o que faz ella para acabar com este estado de coisas que nós envilece e nos rebaixa?! No terreno do Paço? no parlamento; ou nas regedorias d'aldeia?

Se até se affirma que *a instrução só pode com vantagem ser ministrada em altas doses a cerebros preparados por uma cultura hereditaria!* Isto é irrisorio!

A ser verdadeira esta ousada proposição, Cristovão Colombo chegaria a ser, quando muito, mestre cardador de lã; Watt não passaria de aprendiz mechanico; Stephenson de um pobre fogueiro; Faraday de um serralheiro; Laplace de um camponio; Canova de um canteiro; Gregorio VII de um marceneiro; André Johnson de um alfaiate e assim muitos outros que, nascidos das classes mais infimas da sociedade, se tornaram

¹ Vid. Garofalo obr. e loc. cit. e vid. Prologo do mesmo escriptor á obra de Spencer — *Da Liberdade á Escravidão*.

illustres nas letras, nas artes, nas sciencias e na politica. ¹

Mas.... *jam lucis orto sidera*, e é indispensavel mudar de rumo e dizer a *ultima ratio*, para pôr fêcho a este meu despretencioso trabalho.

¹ Vaccaro, obr. cit. pag. 198.

Bosquejo dos nossos Congressos anti-tuberculosos. Resultado dos seus trabalhos.

Naquellas nossas imponentes assembleiãs marcadas com a rubrica de — *Congressos contra a tuberculose* — dão-se, de longe a longe, os marcehaes da nossa aristocracia medica em communhão intima com a fina flor de todo o nosso mundo pensante — engenheiros, veterinarios, ex-ministros, deputados e, até, sacerdotes e bispos, um *rendez-vous* caloroso em que se trocam impressões relativas á melhor forma de assentar as baterias nacionaes destinadas a varejar as trincheiras bacillares com a metralha da prophylaxia, da hygiene, etc., etc.

Não faltam lá, nesses modernos areopagos, os S. Paulos de verbo inflamado a prégar aos infieis d'este bravo torrão occidental as mais fecundas e luminosas verdades do Deus-Sciencia.

E é de vêr como os multiplos assumptos ligados á tuberculose são batidos e rebatidos, pelos

enthusiastas operarios do Bem, na potente bigorna d'uma critica a que nada escapa, como os pontos, ainda os mais subtis e imperceptiveis aos olhos profanos, são depurados na retorta da mais vibrante discussão, da mais impeccavel analyse!

E o obcecado pagão sem se movêr!

Discursos de fórma olympica vasados nos velhos moldes da Grecia e Roma antigas, phrases soberbamente modelares que fazem lembrar o fino tecido das rendas d'Hollanda, braços nervosos de Ciceros e Pericles executando gestos que virgulam a folha azul do espaço sereno e mudo, todo um scenario empolgante, de figuras movimentadas, irrequietas, de fronte altivas e rubras, d'aquelle calor que só pode irradiar da fornalha candente onde refervem os grandes ideaes, as causas santas, generosas e altamente sympathicas.

E o incredulo gentio numa intangibilidade desanimadora!

Ao cabo de dous ou tres dias de torneios oratorios decorridos a terçar armas na cavalheiresca intenção de vingar a *dama-Portugal* do insulto tuberculoso, cerram-se as portadas da arena depois da emissão d'uns tantos votos ao Estado-Providencia e da entoação d'um hymno congratulatorio, cantado em commum, especie de Te-Deum em acção de graças pelos viridentes loiros colhido ao fim da accessa pugna... e mais nada.

Eis o *croquis* authenticico dos nossos *Congressos contra a tuberculose*, traçado com as tintas da minha rude sinceridade.

Se eu não tenho o direito de duvidar da boa

fé e dos sentimentos humanitarios dos nossos congressistas, por tantos titulos illustres, da mesma sorte a ninguem assiste o direito de pôr em duvida o desprendimento das minhas convicções e do meu modo de vêr pessoal sobre o assumpto, que é inadiavel e de interesse geral e que, por isso mesmo, não pode dispensar uma medicação energica, bem diversa dos palliativos com que se tem andado a entreter a expectativa do nosso povo sempre credulo e confiante.

E, porque sempre anteponho a voz da minha consciencia á voz dos meus interesses, é que não receio affirmar que considero os nossos Congressos como certames de erudição scientifica e litteraria, e só como taes.

A muitos parecerá temeraria esta minha asserção; mas aquelles que se não deixarem deslumbrar pelas galas brilhantes d'uma apparencia enganadora, essés consideral-a-hão justissima.

Mas para que perder-me em platonicas divagações se tenho, aqui á mão, a prova manifesta do que avanço?

A pag. 7 e seg. do *Relatorio do 2.º Congresso contra a tuberculose*, realisado em Vianna do Castello em Setembro de 1902, leio eu, sob a epygraphie — «Votos do 1.º congresso. Como foram satisfeitos.» — as seguintes palavras que valem pelo melhor dos discursos:

«No congresso de Lisboa foram emitidos votos como resultado final das communicacões apresentadas e assumptos debatidos, e é este o momento para se registar o destino que estes

votos tiveram, e que houve de ser ponderado na organização do actual congresso.»

Segue-se a enunciação d'esses votos e os commentarios que o congresso julgou dever fazer ao *tal destino que elles tiveram* :

«1.º— *O congresso exprime o voto de que os poderes publicos estudem e facilitem a solução do problema do barateamento dos alimentos de necessidade, e primeiro que todos da carne.*

«Não só em Lisboa, mas em todo o paiz, os alimentos, nomeadamente os de primeira necessidade, continuam caros, excedendo em muito os recursos pecuniarios da maioria, etc.»

«2.º— *O congresso exprime o voto de que o governo estabeleça uma fiscalisação effcaz dos generos alimentares no ponto de vista da sua sophistication, dando em Lisboa maior desenvolvimento aos serviços dos laboratorio de hygiene, sobretudo pela criação de agentes especiaes não medicos encarregados da fiscalisação, e nas outras cidades melhorando no que fôr possivel os serviços correspondentes.*

«O regulamento dos serviços de saude, publicado em dezembro do anno findo, impõe ás auctoridades sanitarias a inspecção dos generos alimenticios, mas, apesar d'esta inspecção e da existencia de commissões districtaes para fiscalisarem os vinhos e os azeites, apesar de laboratorios em Lisboa e Porto, é norma seguida a sophistication dos alimentos, que se não limita a adulterar o vinho, o azeite, etc., etc.»

«3.º— *O congresso exprime o voto de que o go-*

verno faça entrar em prompta execução o regulamento que se refere ao trabalho dos menores e das mulheres na industria, depois de devidamente simplificado.

«Manteve-se o que estava legislado, e nem o regulamento se simplificou, nem foi posto em execução, como o congresso pediu.»

«4.º — *O congresso exprime o voto de que o governo dirija a sua attenção para a hygiene da primeira infancia, pela promoção d'uma lei salvadora nos moldes da lei Roussell.*

«Esta lei foi pedida em eloquente representação, assignada pelos presidentes dos nucleos, ao parlamento, que se limitou a registar a sua entrega, etc.»

«5.º — *O congresso exprime o voto de que se fundem cursos de hygiene nas escolas normaes e se introduza o ensino da hygiene nas escolas primarias, no curso secundario e nos seminarios.*

«Este foi, sem duvida, o voto mais feliz sahido do congresso. Nos seminarios de Bragança, Guarda, Coimbra, Evora e Faro, por determinação dos respectivos prelados, foi instituido o ensino da hygiene, etc.»

«6.º — *O congresso exprime o voto de que os municipios pobres de recursos se alliem em federações que assegurem certas praticas de hygiene publica de primeira necessidade.*

«Não consta que se effectuasse nenhuma d'estas allianças, que de muito alcance seria para a salubridade das povoações, etc.»

«7.º — *O congresso exprime o voto de que em*

todo o reino sejam postas em execução as medidas de policia sanitaria prescripta no regulamento de saude pecuaria relativamente á tuberculose dos animaes domesticos;

e de que o governo facilite ás camaras municipaes a fiscalisação sanitaria dos matadouros, nos termos do regulamento geral de saude pecuaria, e, na falta de veterinarios, pelos medicos municipaes.

«Não teem tido execução completa as medidas de policia sanitaria taes como estão prescriptas no regulamento de saude pecuaria, nem mesmo nos centros mais populosos e servidos por melhor fiscalisação veterinaria, etc.»

«8.º— *O congresso exprime o voto de que os medicos das localidades onde não ha nucleos da liga se compenetrem da utilidade da propaganda anti-tuberculosa e diligencieiem a criação de taes nucleos.*

«De como os medicos portuguezes se acham convencidos da proficuidade da propaganda anti-tuberculosa é testemunho e bem nitido na sua significação professional e altruísta o presente congresso, etc.»

«9.º— *O congresso exprime o voto de que, á espera de sanatorios e hospitaes para tuberculosos, se faça nos hospitaes communs o isolamento d'estes doentes.*

«Em Lisboa e Porto já os tuberculosos eram isolados. Em Coimbra fez-se o isolamento, etc. ¹»

¹ Vid. *Relatorio do 2.º Congresso contra a tuberculose*, pag. cit. Que me conste, ainda não foi publicado o relatorio do 3.º Congresso contra a tuberculose. Atrevo-me, porém, a sustentar,

De modo que, e em resumo, *todos* os votos do congresso que revestiam maior importancia e que, por esse facto, reclamavam um cumprimento, uma satisfação immediata, por incidirem sobre a face mais delicada da questão, perderam-se, desvaneceram-se, nas «cangostas encephalicas» dos nossos amos e senhores ao lamberem-lhes as paredes anfractuozas dos centros de percepção!

Quem isto meditar, deve recolher-se ao silencio precursor da meditação nas grandes misérias humanas...

Áparte os votos cuja solução foi, *em parte*, satisfeita por depender da iniciativa particular, os outros, não encontraram echo no patriotico coração dos timoneiros da barcaça nacional, ou não foram comprehendidos pelos pontifices das synagogas politicas provincianas.

É por isso que o nosso povo, com aquella intuição que nelle tanto póde ser um simples instinto como o fruto azêdo d'uma experiencia amarga, pospõe sempre ao encerramento de cada congresso a conhecida apostilha d'uma philosophia inconfundivel: *De parólas estamos nós fartos!*

E tem pilhas de razão *essa escumalha!*...

Já um nosso cathedratico e articulista brilhante, em discrepancia com os trabalhos dos congressos, sustentou que «o paiz, ao cabo de

desde já, que os progressos realizados até hoje, na lucta contra a doença, são eguaes aos constatados no relatorio de 1902. Pois se o meio é o mesmo, a politica a mesma e os palhaços são os mesmos!

*tantas propagandas e canceiras, terá aprendido, quando muito... a sciencia de cuspir.*¹

Sinto-me fatigado ao aproximar-me da ultima balisa da accidentada montanha que me propuz escalar.

Já diviso, porém, através d'umas brumas ligeiras, muito tenues, os seus mais elevados alcantis, os bicos esguios das rochas que lhe nimbam a frente.

Transpôr, d'um salto, esses phantasmas de pedra, não denota da minha parte o mais leve assomo de temeridade, mas, apenas, um pequeno, simples e ultimo esforço a empregar.

Com effeito, depois de ter posto em evidencia o logar que a tuberculose occupa nas fileiras nosologicas, de ter provado que a *miseria* é a primacial actriz das tragedias tuberculosas em torno da qual gravita, no seu papel secundario, o actor-contagio á compita com outros collegas — a syphilis e o alcoolismo — cujos nomes só agora cito, mas que, na etiologia bacillar, não deixam de desempenhar funcções muito respeitaveis e muitissimo para ponderar e attender; depois de, num rapido escôrço dos nossos congressos, ter ferido a nota que me pareceu mais aguda, não me será, agora, difficil tarefa indicar qual deva ser, no meu humilde criterio, a orientação que, entre nós, deve presidir á lucta anti-tuberculosa. É o que passo a manifestar nas breves palavras da minha

¹ Vid. *Port. Méd.* 1.º an. n.º 5, art. cit.

CONCLUSÃO

Sendo certo que o tratamento da tuberculose pulmonar se resume, principalmente, nas curas de — alimentação, ar e repouso, curas que para as classes obreiras são expressas em tres incognitas d'uma rigidez implacavel, é evidente que todos os trabalhos dos nossos congressistas devem tender á solução pratica da formula que representa esse tratamento.

Creio que a ninguem deve offerecer duvida esta proposição, a meu vêr, intuitiva.

Ora, não é com simples appellos, em que transparece uma vaga resignação só própria de martyres, dirigidos ao Estado Providencia, em cuja solitudine e bôa fé já ninguem acredita e muito menos confia, que se poderá attingir o nobilissimo fim d'esta cruzada bemdita, em que tantas energias andam empenhadas em favor dos desprotegidos da fortuna.

Os nossos parlamentos, todos nós o sabemos, não representam a vontade e as aspirações da nação que, na sua maior parte, até desconhece de nome esses seus representantes á força... sem parodia ao médico de Molière.

Sendo isto assim, affigura-se-me que os congressos peccam por excesso de ingenuidade em pretenderem ser ouvidos pelo grupo de individuos que constituem as duas *empresas* da rota-

ção, exclusiva e essencialmente animadas por inconfessáveis e pouco limpos interesses que não teem nada de commum com os interesses da quasi totalidade dos pacificos habitantes d'este risonho Portugal á beira már plantado, com respectivos Algarves e suas Etyopias.

À quereremos conseguir algo de proveitoso, util e benefico, devemos sacudir todo este torpôr que nos acabrunha e nos adormenta; teremos que enveredar por outro caminho mais amplo, mais desafogado. Antes de mais nada, é indispensavel que nos convençamos de que não existe idolo, bezérro d'oiro ou fétiche que valha uma curvatura d'espinha da parte de qualquer cidadão, e muito menos que mereça o aniquilamento progressivo d'um povo, a morte prematura e ingloria d'uma raça.

Sejamos francamente iconoclastas:

Ha um pedestal no alto do qual se mantem um bonzo na estúpida immobilidade das cousas vãs e inanimadas?

Derribe-se.

Ha uma muralha que nos faz recuar e nos véda e tolhe a passagem que conduz á conquista do nosso ideal?

Esbarronde-se.

Ha saltimbancos do Estado que mercadejam com a honra e o bem estar da nação?

Dê-se-lhes uma grã-cruz: a penitenciaria.

Ha envenenadores encobertos nas falsas e mysteriosas préguas do manto da politica que attentam contra a vida dos concidadãos?

Ferreteie-se-lhes a frente com o stigma maldito do crime: a melhor marca é a das costas d'Africa.

Repito: a vida d'um povo vale um pouco mais que a vida d'um cerdo ou d'um veado.

Mas para que estas verdades possam germinar no cerebro impredispuesto da geração d'hoje, de forma a produzirem um fructo saboroso e carnudo que aproveite e seja colhido pelas gerações d'amanhã, preciso se torna desbraval-o de todos os anachronismos e velharias que o gravitam, de toda a poeirada rotineira e regressiva que desde o XVI seculo o esfuma e torna opaco e, consequentemente, improprio á penetração da luz.

«É essencial revolucionar a educação portugueza *ab imis fundamentis*, e nesta expressão simples está consubstanciado todo o problema nacional.» ¹

Educação scientifica, moral, civica, eis o que nos falta. A Sciencia não deve prescindir da Moral, como esta do Civismo. Tem que ser uma triade inseparavel na formação da pedra angular, dos alicerces, da nossa nacionalidade.

A nossa obra — a obra dos Congressos — tem de visar, portanto, um fim mais elevado que o de deitar simples cataplasmas emolientes no corpo do Paiz. Tem de destruir-lhe todas as anquiloses (e ellas são tantas!) que lhe paralysem os membros e lhe não consentem a marcha.

Trabalhem os congressistas como cirurgiões,

¹ «*Porto Med.*, 1.º An., n.º 5, art. do Prof. Alfr. de Magalh.

primeiro: cortem, amputem, eliminem toda esta gangrena fétida que corroe o organismo da nação. Os tonicos virão depois desempenhar o seu papel complementar na cura.

É a miseria moral que é preciso combater a todo o transe, sem demoras nem contemporisações que, já agora, revestem o caracter de verdadeiros crimes.

A miseria physica é uma consequencia daquella; faltando a primeira, desapparecerá a segunda, insensivelmente, gradualmente.

«Até ha pouco os medicos abstinham-se da politica systematicamente, mercê de prejuizos bem nocivos que, por o serem, depressa se transformaram num conceito publico deploravel. Alienaram por completo as mais elementares e fundamentaes prerogativas civicas, elles que melhor do que ninguem podiam interferir na administração dos negocios publicos pela amplitude dos seus conhecimentos e pela positividade scientifica do seu criterio, pelo conhecimento profundo do character da sociedade, das suas tendencias, das suas aspirações, das suas qualidades e dos seus costumes.

«A America para os americanos; a politica para os bachareis. Havia porém de operar-se uma reconsideração, e d'um momento para o outro viu-se o Parlamento pejado de medicos a fazer leis e a fazer discursos. Uma nova desillusão nos esperava. Os medicos tornavam-se cúmplices da situação miseranda das classes proletarias, sancionando com o seu voto tantissimas leis iniquas que directa ou indirectamente vão alimentando

o flagello da tuberculose, compromettendo vidas, depauperando a população mais util e mais sympathica, pelas condições cada dia mais precarias da existencia, incompativel com a fome e com esta especie de dyspnêa moral em que pr'ahi se vegeta.

«E assistimos a um espectaculo estranho. São os medicos-politicos que veem ao seio dos congressos recitar plangencias, que não devem ser sinceras, e condemnar, quando não ostensivamente, ao menos por solidariedade com as nossas demonstrações de revolta, os governos que felizmente nos regem e que elles servem dedicadamente.

«Como esses homens podem servir o programma da *Liga nacional contra a tuberculose!* Mas, salvo excepções raras, as personalidades desdobram-se commodamente com a mesma facilidade com que o camaleão muda de côr.¹»

Condensando:

O trabalho a realizar é um trabalho de demolição, mais que de restauração.

De que necessitamos para o ultimar? Já alguem² o disse: «*Uma alma, uma vassoira e uma carróça. Varrer, limpar, pôr isto decente*» ...

¹ *Port. Med.* loc. cit.

² Guerra Junqueiro. — *Patria*, pag. 202, 2.^a edição.

PROPOSIÇÕES

Anatomia — Á parte a utilidade pratica que d'ella deriva, considero-a um meio violento de seleccionar memorias.

Physiologia — O homem é immortal.

Pathologia geral — A miseria, nas sociedades modernas, é filha, principalmente, do Progresso.

Anatomia pathologica — Considerada no campo especulativo faz lembrar o labyrintho de Creta.

Pathologia externa — O gonococco de Neisser não determina a cystite blennorrhagica quando isolado dos microbios pyogenicos ordinarios.

Materia medica — As propriedades therapeuticas das aguas de Lourdes encerram um *quid* mysterioso que a sciencia não explica.

Pathologia interna — A tuberculose é funcção da situação social e economica do individuo.

Medicina operatoria — Sempre que tiver de fazer uma intervenção cirurgica grave, empregarei, previa e systematicamente, o sôro anti-tetanico como salvaguarda de futuras eventualidades.

Hygiene — Condemno, *em absoluto*, o ensino congreganista e, principalmente, o ministrado pela Companhia de Jesus.

Obstetricia — Um parteiro sem pratica é como um cego sem bordão.

Medicina legal — A virgindade da mulher não é uma dependencia da membrana hymen.

Visto.

O PRESIDENTE,

Carlos de Lima.

Pode imprimir-se.

O DIRECTOR,

Moraes Caldas.